

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Pedro Augusto Papini

FRAGMENTOS DE UM CÁLICE: DROGAS E NARRATIVAS

Porto Alegre
2015

Pedro Augusto Papini

FRAGMENTOS DE UM CÁLICE: DROGAS E NARRATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.
Orientadora: Prof^ª. Pós-Dr.^a Jaqueline Tittoni

Porto Alegre
2015

Pedro Augusto Papini

Fragmentos de um cálice: drogas e narrativas

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de mestre em Psicologia Social e Institucional.

APROVADA EM: ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Pós-Dr.^a Jaqueline Tittoni (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Sandra Djambolakdjian Torossian
Universidade Federa do Rio Grande do Sul

Prof. Pós-Dr. Edson Luiz André de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Pós-Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense

CIP - Catalogação na Publicação

Papini, Pedro Augusto
Fragmentos de um cálice: drogas e narrativas /
Pedro Augusto Papini. -- 2015.
87 f.

Orientadora: Jaqueline Tittoni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Drogas. 2. Narrativa. 3. Políticas Públicas. 4.
Escrita. I. Tittoni, Jaqueline, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Nasera Maria Diab Papini, minha mãe, e ao meu pai, Benito João Papini Junior, por terem me ensinado da importância de ler livros, pois foi aí que, em grande parte da minha vida, pude encontrar as maiores das liberdades e as maiores das disciplinas.

Ao tio Vilmar, por sua sempre sensibilidade que fez com que ele, quase ao acaso, me apresentasse Maurice Blanchot.

À Lúcia, minha grande amiga e testemunha das incansáveis armadilhas que colocamos no nosso cotidiano para que não nos furtermos, por mais desafiador que seja, a pensar a existência no mundo e na cidade. À Rossana que conheci como colega do grupo de pesquisa e que foi uma encorajadora incansável dos meus pensamentos que, eu sei, pareciam às vezes tão perdidos. Assim foi também com Renata Pekelman e Edelves Vieira, amigas que reconhecem a força dos ventos amenos.

À Gabriel Freitas Gimenes, esse mundano, que me ensinou e tem me ensinado a habitar os arredores da conversa infinita.

À Bruno Armando Papini meu mais eterno amigo e melhor irmão do mundo (exceto quando ele me deu um pote de sobremesa dizendo que era musses de maracujá mas na verdade era maionese).

À Jaqueline Tittoni pela sua orientação, exercício singular que tive a graça de experimentar e que, com suas perguntas, me fez andar. À professora Sandra Torossian, por um dia, ao meu lado, ter apontado com o dedo que é possível uma organização no caos.

E à Carol, minha revisora, amante e cúmplice, e, junto com ela, ao presente das manhãs.

RESUMO

Este trabalho parte da inquietação acerca dos modos de dizer e de se referir às drogas e às pessoas que usam drogas. Modos de dizer e de se referir que têm lugar privilegiado em espaços como os de cuidado em saúde e os de produção científica: apontamos aqui um silêncio que há nas drogas. E que em seguida, neste estudo, se transforma também em pobreza em experiências narradas sobre pessoas que usam drogas. Assim, vamos refletindo essa temática em áreas diversas que se combinam em um caleidoscópio de ensaios que têm como pretexto comum as relações que envolvem o falar e ficar em silêncio em relação às drogas. Para tanto, nos ancoraremos, enquanto campo de experimentações, na participação da construção e execução de dois projetos de educação permanente sobre drogas; trata-se dos projetos Rede Multicêntrica e Caminhos do Cuidado. Com construções sobre *catar, ensaiar e narrar* histórias que envolvam drogas, procuramos problematizar modos proeminentes de se referir, de contar e de ser nas drogas. Deste modo, vemos também que as técnicas de governo intuem a linguagem que perpassa os modos de narrar das pessoas que usam drogas e das pessoas que trabalham com pessoas que usam drogas. E com este estudo fomos recriando alguns vestígios apagados das narrativas sobre drogas.

Palavras-chave: Drogas. Narrativa. Políticas Públicas. Escrita.

ABSTRACT

This work departs from the concern about the ways of saying and referring drugs and the people that uses drugs. Ways of saying and referring that have a privileged place in spaces such of health care and scientific production: we point here a silence on drugs. And, therefore, in this study it is transformed also in poverty of narrated experiences about people who use drugs. Thus, we go reflecting this thematic in different areas that are arranged in a kaleidoscope of essays that have as a common pretext the relationships that involves saying and being in silence about drugs. For it we'll be anchored, as a field of experimentations, in the participation in two projects of lifelong education about drugs; those are Rede Multicêntrica and the Caminhos do Cuidado's projects. With the constructions about gather, essay and narrate histories that involve drugs, we looked forward to problematize the prominent ways of referring to, telling and being on drugs. This way, we also see also that the techniques of government have influence in the discourses that crosses ways of narrate of the people who uses drugs and people who work with drugs users. And with this study we were recreating some erased vestiges of narratives about drugs.

Key words: Drugs. Narrative. Public Policies. Writing

SUMÁRIO

PRÓLOGO	10
LIVROS ACHADOS: ENSAIANDO UMA PESQUISA.....	10
PÓS ESCRITO:.....	14
LEMBRANÇAS DE UM PESQUISADOR.....	16
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 PRELÚDIO.....	17
1.2 PESQUISAR AS DROGAS: DADOS VICIADOS.....	17
1.3 LEMBRANÇAS DE UM PROCEDIMENTO.....	23
2 METODOLOGIA: UMA IDEIA, UM GESTO E UMA OPERAÇÃO. NARRAR, CATAR E ENSAIAR	28
3 TURBULÊNCIA E MANIÇOBA: A EXPERIÊNCIA NO PROJETO CAMINHOS DO CUIDADO E NA REDE MULTICÊNTRICA	36
3.1 O QUE CATAR? (A INVENÇÃO SOBRE O ARQUIVO).....	43
4 O BIOPODER E A ERRÂNCIA PHARMAKOLÓGICA NAS MÁQUINAS DE FAZER VIVER	46
4.1 DROGA, PHÁRMAKON (EM BUSCA DO PHÁRMAKON PERDIDO).....	47
4.2 O FAZER FALAR.....	52
5 A SOBRIEDADE DE UM SOLDADO: O TERRORISTA	56
5.1 LEMBRANÇAS DE REDUÇÃO DE DANOS.....	56
5.2 ENTRE IMAGENS E PALAVRAS.....	58
6 VESTÍGIOS NA ALA FECHADA	62
6.1 O QUE RESTA. HISTÓRIAS SOBRE E HISTÓRIAS DE.....	62
6.2 VESTÍGIOS NA ALA FECHADA.....	63
6.2.1 Ala fechada.....	64
6.2.2 Ala flechada.....	66
6.2.3 Consideração.....	68
7 A INTERRUPÇÃO	69
7.1 O POETA.....	71
8 FINALIZAÇÃO. ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: FOME E NAUFRÁGIO	73
8.1 PRELÚDIOS DOS FINS.....	73
8.2 ARTES DA EXISTÊNCIA.....	74
8.3 UM ARTISTA DA QUEDA.....	79
8.4 FIM, UMA ÚLTIMA METÁFORA.....	81
REFERÊNCIAS	82

PRÓLOGO

LIVROS ACHADOS: ENSAIANDO UMA PESQUISA

Uma das primeiras coisas que pensei foi: alguém não existe mais neste mundo.

Conforme fui olhando aquele monte de livros, vi que Orval não morava sozinho. Havia alguns livros assinados por Maria de Lurdes. Seria sua companheira? Também estava morta?

Sou um apreciador de romances. Além de livros de filosofia, no momento em que se passou o ocorrido que em seguida irei narrar, eu estava lendo um romance e um livro de contos, são eles: Em Busca do Tempo Perdido (PROUST, 2003) e o labiríntico Aleph (BORGES, 2008). Não cito em inocência; tem a ver com a historieta que se segue.

Outro dia, fui levar alguns resíduos domésticos para o lixo coletivo do prédio onde vivo. Chegando lá, vi que haviam deixado coisas espalhadas perto das grandes vasilhas; isso pouco me chamou a atenção, e, enquanto distraidamente largava meu saquinho no local adequado, olhei para o chão.

Ali haviam cinco caixas grandes cheias de livros. Pulei em cima delas como um urso.

Rapidamente, pude perceber algumas pontas da preciosidade: Pablo Neruda, Jorge Luiz Borges, muitos livros de história, um dicionário de francês. Em três viagens eufóricas transportei tudo até o apartamento.

As caixas iam se esvaziando conforme tirávamos os livros de dentro, ao passo que as pilhas pelo chão e mesa cresciam. Piratas desencavando um tesouro em que cada pá de areia retirada do solo lembra um diamante.

Primeiramente, à superfície, notei: nenhum Virginia Wolf, nenhum Kafka, nenhum Henry Miller ou Proust. Mas sim Borges, Benedetti, Pablo Neruda, Cortázar, Isabel Allende. Dos europeus, depois, encontrei um livro de Bertold Brecht. Havia um I Ching ilustrado que também me chamou a atenção.

Muitos livros de história. História do Rio Grande do Sul. Algumas intimidades com Charles Kiefer faziam certo volume. Alguém parecia gostar muito de escritores gaúchos que desconheço. Alguém provavelmente gostava muito de poesia; há livros de poesia que nunca vi antes. Muitas coisas que nunca vi antes. Aliás, isso tudo assim eu nunca tinha visto antes. De

quem eram esses livros?

Um labirinto de milhões de palavras.

Alguém estudava francês, alemão e italiano. O dicionário de francês (capa dura forrada por um pano [branco?] com muitas manchas) é tão antigo que não havia nenhuma referência da editora quanto a sua data de publicação ou de edição. Entre esses livros de línguas, há um enorme e gasto dicionário Aurélio - do alto de suas quase duas mil páginas, parecia um gigante morto.

Tive vontade de montar uma história. Os livros eram evidências de muitas vidas. Fagulhas sem fim.

Depois de retirados todos os livros de dentro das caixas, lá no fundo da maior delas, encontravam-se exemplares de uma revista chamada “O Cuidador: a revista dos cuidadores”. Uma sugestão apareceu com as revistas: estas pertenceriam a alguém que cuidava de uma pessoa; forçosamente, um adjetivo se acrescentou: uma pessoa idosa.

Os livros pareciam ter pertencido a um ser consideravelmente mais velho do que eu; não apenas pela quantidade, mas pelas pequenas devassidões que o passar dos anos colocara neles. Muitos ficaram amarelos e um tanto rasgadiços; várias das capas se utilizam de um estilo claramente de outra época.

Talvez os livros fossem de alguém mais velho, culto e que teve de ser cuidado no fim da vida. Ele faleceu recentemente, alguém foi arrumar seus pertences e achou que era prático que os livros fossem para o lixo, e lá os encontrei. (Será?).

Orval. Este é o nome assinado com data em grande parte dos livros. Alguns outros estão assinados por Maria de Lurdes (um deles está escrito “Profa. Luti”). Vários livros não têm nome escrito.

Alguns tiveram sua contra-capa arrancada; ali, justamente onde costuma-se escrever o nome do possível leitor da obra ou do dono do livro.

Dos quase cento e cinquenta livros, precisamente seis estavam com suas contra-capas arrancadas. Que livros eram esses? Dois deles foram escritos por Isabel Eri Camargo, outros dois por Cecília Maria Maciel. O par restante dos arrancados não foi escrito nem por Isabel nem por Cecília, mas chamam-se: “Manhã transfigurada” e “A curva da estrada”.

É provável que Orval ou Maria de Lurdes tenham tocado em praticamente todos os livros (nem que tenha sido para guardá-los).

Há quatro que pertenceram aos dois, ou seja, levam a marca à caneta do nome tanto de

Orval quanto de Maria de Lurdes. Um deles chama-se “Breve História de Los Argentinos”; outro é um romance sobre tango com uma dedicatória de um amigo pra os dois. Outro livro, também um presente, chama-se “Harmonia das Esferas”.

O último livro que traz o nome dos dois chama-se: “20 Poemas de Amor y una Cancion Desesperada”, de Pablo Neruda. Na contra capa, Orval escreveu com uma caneta tinteiro preta na parte norte da folha:

*“A querida
 Maria de Lurdes
 em Caracas. 17-11-71
 Orval”*

Logo abaixo dessas palavras de Orval, há um complemento escrito com uma letra delicada e musical:

*”Para mi corazón basta tu pecho...
 Maria de Lurdes
 Pôrto Alegre 2/12/1971”*

Datas diferentes, países diferentes, línguas diferentes. Os 20 poemas de amor e uma canção desesperada viajaram pelo correio, talvez. Este livro foi impresso em 1944, é possível que Orval o tenha encontrado em um sebo.

Há um livro que me chamou à posse, é de Julio Cortázar e reúne muitos de seus contos; está em espanhol. Na contra-capa, com a letra de Maria de Lurdes está escrito: “Buenos Aires, maio de 2011”

O que fazia ela em Buenos Aires em maio de 2011? Orval estava com ela?

Quase não há livros assinados por Maria de Lurdes. Em 2011, entretanto, ela comprou um livro pesado e extenso de Julio Cortázar e, a lápis, no outono, desenhou um detalhe seu nele.

Maria de Lurdes não tinha o hábito de Orval de assinar nos livros e colocar data neles. Imagino isso porque os vários livros de Charles Kiefer deveriam pertencer a ela: nenhum deles está assinado. Creio nessa relação de Maria de Lurdes devido a uma dedicatória posta em um deles com o punho do próprio Kiefer:

“À Maria de Lurdes o meu convite, tímido,

para dançar-ler esta valsa.

Com carinho,

Charles Kiefer 25.07.89”

Os livros, neste momento, estão todos na sala. Já estão ocupando espaço. De fato, não sei muito bem o que fazer com eles depois. Pegar os que mais me atraem e despachar os outros. Simples.

Uma criança passou pela casa de Orval e Maria de Lurdes. (Dizer que Orval e Maria de Lurdes dividiram o mesmo teto parece necessário para mim).

Talvez alguém tenha achado que essa criança era marota. Quando eu estava folheando um dos livros, pude perceber alguns riscos trépidos feitos desordenadamente por uma caneta. Não pude deixar de pensar que aquilo era o resultado da sagacidade de uma criança que descobriu naquele livro uma superfície possível para riscar. Talvez não, talvez ninguém tenha achado essa criança marota: e eu sou a primeira testemunha deste pequeno crime infantil.

De fato não pude deixar minha âncora ser enterrada na possibilidade de que Maria de Lurdes e Orval moraram realmente neste prédio. Alguém pode ter trazido os livros de Orval e Maria de Lurdes para sua casa e, dali, tê-los descartado.

Há um livro que se chama Baú de Ossos. Foi um presente de Orval para seu pai, em novembro de 93. Na contra-capa, com a letra de Orval:

“Ao pai este excelente livro de Pedro Nava e que te constitua em modelo inspirador de tuas, por certo, inesquecíveis memórias.”

Orval e Maria de Lurdes

Em set/93”

Livros morrem menos do que pessoas.

O Baú de Ossos estava com Orval; agora está aqui.

Orval possuía um “manual de estilo de redação”. Este livro, extremamente gasto, folheado e bastante sublinhado diz que é voltado para “jornalistas, escritores, editores, estudantes e profissionais e amadores”.

Uma das primeiras frases sublinhadas no manual está em: “Essa filosofia reflete-se no conteúdo de suas publicações, que não veiculam referências que possam ter conotações de preconceito racial, social ou religioso, nem de desrespeito aos direitos humanos universalmente aceitos.”

Cada migalha abre uma janela.

Após já ter olhado todos os livros, revisitando-os, acabei reconhecendo mais duas obras de Isabel Eri Camargo. E, como imaginei, ao folheá-las, me deparei com a ausência de suas contra-capas, arrancadas dali, fazendo presente apenas um filete de folha da largura de um minguinho. Marcas inelutáveis de uma cicatriz.

O livro Tangos da Madrugada, que pertenceu a Maria de Lurdes e a Orval contém a seguinte dedicatória:

*“Aos queridos amigos Orval e Maria de Lurdes,
agradecido pela amável presença. Com um
grande abraço
Taylor Diniz”*

Taylor Diniz é o autor da obra.

No fundo da maior das caixas, havia um calendário meio grande. No meio deste, duas folhas soltas: nas folhas, os originais de bonitas pinturas assinadas por uma pessoa chamada Norma. Não encontrei nenhuma informação a mais sobre isso; essas duas telas pareciam estar ali meio sem-querer, despercebidas no meio dos dias.

Há livros sobre a ditadura. Também livros sobre a legalidade.

Há muitos pormenores que não acho endereço.

Dois livros pertenciam a uma pessoa chamada Marilice. Mais tarde, como um detetive, notei que esta mesma Marilice era a editora das revistas Cuidadores (nas contracapas pode-se ver até uma foto de Marilice). Os dois livros assinados por Marilice, em verdade, não estão assinados, ali tem as marcas de um carimbo profissional com seu nome.

Sinto uma pequena queda ao pensar que todos estes livros poderiam caber na palma de minha mão, compactados em um *pen drive*. Logo, provavelmente, a palavra *pen drive* será (é) obsoleta para referir armazenamento de informações.

As memórias do pai de Orval não são inesquecíveis.

PÓS ESCRITO:

Agora já faz tempo. Escrevi isso e esqueci os livros um pouco (sou bom em esquecer). Eles estão quase indo fora? Eventualmente alguns ainda falam comigo. Releio o que escrevi:

esse escrito é uma sucessão de naufrágios.

Um dos cadernos de estudo de francês estava camuflado - não tinha chamado a atenção; apenas agora pouco, vimos que ele tem algo escrito na sua contra capa. O livro é de Orval, e é de 1958. Não parece, mas é um livro escolar. Está encapado com um papel verde. Esse foi o único livro que levei às narinas, é bem antigo. Abrindo-o, vemos o título “*La Littérature Française: primeiro e segundo anos dos cursos clássico e científico*”. É um livro de manuseio delicado aos dedos, as páginas parecem querer descansar, estão caindo; quatro ou cinco fios de costura ainda sustentam sem querer as folhas sonâmbulas.

Com a informação de que esse livro é voltado para *primeiro e segundo anos dos cursos clássico e científico*, poderíamos até calcular a idade aproximada de Orval hoje; acontece que isso talvez nos interesse menos do que pensar no que levou esse livro a não perecer por todos esses anos. Talvez este fosse o objeto mais velho da casa de Orval, nascido bem antes da relação com Maria de Lurdes, quatorze anos antes de ele ir para Caracas e de lá mandar os 20 Poemas de Amor de Pablo Neruda. Quando ele esteve em Caracas, provavelmente, este livro escolar de francês estava em algum outro lugar do mundo, o esperando.

Em 1958, a capital do Brasil era o Rio de Janeiro.

Em 1958, faltavam 6 anos para a ditadura. Isso me lembra como outrora se estudava mais francês nas escolas. O império da língua norte americana ainda era mais discreto; seis anos depois, o Brasil sofreria o golpe militar; dez anos depois: maio de 68. Em 68, Orval tinha quantos anos? Relacionemos a idade, a juventude, ao ímpeto revolucionário? Se em 68... estaria exilado em Caracas em 1970? Ele era jornalista? Fez faculdade? Era um típico intelectual de esquerda? Quantas vidas cabem numa vida? Acho que um livro pode ter tantas páginas quanto um minuto pode ter tantos dias.

Nesta espécie de acervo que se empilha pela sala, com exceção desse livro escolar de francês, não há livros utilizados por Orval antes de 1970. Neste livro de 1958 está escrito pela primeira e única vez, segundo os livros aqui assinados por Orval, o seu nome completo: “Orval Lória Machado – Colégio Estadual”.

Contando essa história toda para amigos, chegaram a sugerir que ORVAL fosse o nome de uma organização terrorista da época da ditadura.

Outro dia, por ter terminado de ler Borges falei a um amigo que toda solução de um mistério é sempre menor do que o mistério. Ele, após refletir por um instante, sagazmente

respondeu: não se a solução for outro mistério.

FIM.

LEMBRANÇAS DE UM PESQUISADOR

Achar os livros no lixo. Isso parece ter sido importante para que a história fosse de fato escrita, posta no papel. Havia uma vontade de contar a história dos livros; aqueles livros do lixo trouxeram algo que só dali, daquele lugar de esquecimento, eles poderiam ter trazido.

Meus sentimentos pela literatura inflamavam meu desejo de dizer que ali havia algo muito importante. Algo que ainda podia falar. E estava no lixo.

Nas lixeiras, havia uma trama pronta, estabelecida e muda. Quando olhei aquele monte de livros empilhados, quase invisíveis, no chão para serem descartados em um aterro, vi como que a vida entrando para o estatuto das coisas que não tem mais endereço. Como disse antes, pensei em morte.

Esta dissertação de mestrado tem relação com coisas que estão encerradas em apertadas possibilidades de ser: como os livros no lixo.

Era como se os livros já não possuíssem mais onde falar. Este escrito foi um primeiro lampejo do trabalho; os livros, para falarem, precisavam de mais do que uma voz. O pesquisador, no propósito de construir uma narrativa, inventou uma história com os livros.

No decorrer dos capítulos falaremos de histórias que parecem, como que imperiosamente, já ter um destino.

Tanto no encontro com os livros quanto no projeto de pesquisa desse mestrado estão pistas, esmero, a vontade de fazer um desenho; o leme de guiar-se pela afetação; e, também, talvez: uma indignação, um sofrimento.

Então, o desejo de sabotar modos estritos e estereotipados de se referir a drogas.

Na escritura dos livros, escolhi uma cronologia proposital. Foi ficcionada uma cronologia que pudesse, aos poucos, dar visibilidade a um romance, a uma saudade, a uma traição ou a uma criança. Tal como poderíamos catalogá-los, dividi-los por ano, colocar em ordem alfabética, mapear toda a geografia de onde eles foram impressos; inúmeros modos de narrar e de contar uma história. No entanto, aqui uma escolha específica: sugerir uma trama esfiapada pelas páginas dos livros.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PRELÚDIO

Esta pesquisa tem início (um dos primeiros ponta-pés) com a tese de doutorado de Luiz Eduardo Achutti (2004), em que o autor, antes de nos apresentar seu trabalho de pesquisa fotoetnográfico em uma biblioteca de Paris, nos traz um prelúdio de sua pesquisa.

Ele, que é brasileiro, fala do seu encontro com a morada em Paris. Instalou-se em um apartamento que havia ficado 9 anos fechado. A pessoa que vivera neste lugar chamava-se Emile - Achutti chama-a de dona Emile. Ela morreu aos 88 anos. Vivera vários anos só e doente; legou seu apartamento para uma instituição de caridade do seu bairro. Desde sua morte, seu apartamento ficara fechado.

Fora a televisão de segunda mão, que havia sido doada a uma pessoa que cuidou dela, quase tudo havia restado intacto dentro do apartamento. As coisas estavam de tal modo que Achutti diz que era como se dona Emile tivesse apenas saído para comprar pão.

“Dona Emile desapareceu e não restou muito mais do que seus cinco relógios parados que pareciam denunciar sua ausência” (ACHUTTI, 2004, p.39).

Não quero me adiantar muito, mas gostaria de dizer que ouvir uma história sobre drogas era como entrar na casa de dona Emile.

Achutti finaliza seu escrito fazendo uma pergunta que parece poder se colocar apenas em um prelúdio, apenas em um lugar onde ainda não há o que responder. Diz ele “Interrogava-me, e interrogo-me até hoje: o que significa a vida se, após a nossa morte, ninguém vem ao menos guardar nossas cartas?” (ACHUTTI, 2004, p. 40).

1.2 PESQUISAR AS DROGAS: DADOS VICIADOS

Outro prelúdio dessa pesquisa de mestrado era o desejo de pesquisar sobre drogas. É importante dizer algumas palavras sobre as curiosidades anteriores à pesquisa e as coisas que instigaram este trabalho.

No cotidiano, nas minhas experiências com drogas, na escuta de profissionais que buscavam conhecimento sobre o tema, nos jornais, nas conversas ocasionais nos táxis, e em

todas aquelas avenidas iluminadas pela cocaína, havia todo um rumor que um discurso acadêmico (em especial os de cunho médico e psicológico), na sua pretensão de pontaria, parecia estar errando por quilômetros de distância.

Eu sentia (e sinto) que existe uma beleza nas drogas; uma beleza um tanto inapreensível, esfumaçada. Mas a ideia de beleza é também cheia de armadilhas. Ao dizer isso, da beleza nas drogas, posso facilmente passar por insensível às pessoas que tem suas vidas e suas narrativas reduzidíssimas ao uso de uma substância, ou “pior”, posso até ser acusado de não pensar nos familiares dessas pessoas. E não, é o contrário; é nessa população que penso em especial. E, em minha defesa, digo que poderemos ler mais adiante uma ideia de beleza que o poeta Charles Baudelaire (2011) nos trará no poema Hino à Beleza, e talvez aí possamos notar que a beleza pode ser lida por todo um feixe de ambiguidades.

Ao falar dessas possíveis confusões a que eu estaria me expondo, já notamos o cerceamento e o constrangimento em falar de certo modo sobre as drogas. Uma questão do falar, do referir-se e do dizer está neste trabalho como um campo altamente estratégico a ser pensado; estes verbos, aliás, nesta pesquisa, confundir-se-ão com seus opostos negativos: não falar, não referir-se, não dizer nas drogas; como na cena de Dona Emile em que Achutti sobrepõe questões do ver e do não-ver, do estar e não estar na casa. Este nó do falar e do não falar nas drogas, suas implicações, ruelas, bifurcações, pontos de respiro e blocos de bloqueio são os pontos que queremos trabalhar neste estudo.

Em matéria de quantidade, poderíamos notar que o mundo talvez pouco careça de pesquisas acadêmicas sobre drogas. Ocorre que, quando vamos olhar mais de perto, percorrendo os periódicos, percebemos com certa facilidade que um enorme número de produções convergem de um mesmo modo quase sempre para as mesmas conclusões gerais – malefícios, sintomas e violência. As pesquisas científicas, sabemos, provêm em especial das universidades, estes lugares que carregam uma longa tradição do status de origem da produção de conhecimento escrito.

Na universidade, então este lugar de professores e cientistas, é de onde saem enfermeiros, psicólogos, médicos, dentistas, fisioterapeutas, farmacêuticos, assistente sociais. Esses profissionais que, um dia, eventualmente e em dados locais da cidade, encontrar-se-ão em postos de saúde, hospitais ou centros de assistência social. Ali, as ramificações da universidade se regam no contato de tais profissionais com uma pessoa em situação que a

desgraça. Esses trabalhadores que se formam nas universidades são, de modo geral, crentes em uma ciência, crentes em certas tradições e em certas práticas de linguagem que têm por berço o local onde aprenderam inicialmente o que era a sua profissão.

Também é importante lembrar que muitos operadores das políticas e das leis, quando convêm, se utilizam de pesquisas científicas para defender ou rechaçar ideias. A ciência faz parte de um grande cotidiano.

*

Existe um banco de dados da produção científica brasileira sobre uso de drogas psicotrópicas. Podemos encontrar uma descrição deste banco de dados em uma revista científica de saúde pública, onde lemos como um anúncio: “o banco contém livros e artigos publicados no Brasil, a partir de 1866, desde o relato clínico da intoxicação de escravos pela planta alucinógena, conhecida por trombeteira, até levantamentos epidemiológicos recentes sobre o uso de bebidas alcoólicas por crianças” (BANCO..., 1987). Neste brevíssimo resumo do extenso material, já notamos um detalhe pertinente para pensarmos: em 1866, intoxicações de escravos; hoje, crianças que consomem álcool. Parece que o que se procurava em 1866 com escravos, de algum modo, os cientistas tentaram achar de novo com crianças dos nossos dias.

Neste pequeno resumo sobre o banco de dados, estão dispostas também as instruções para acessar o banco; para a obtenção de listagens, se devem requisitar os seguintes itens: “ano de publicação; autor; Estado; revista; droga ou grupo de drogas; população onde o dado foi colhido; conteúdo específico.” (BANCO..., 1987).

Pois bem, aí já notaríamos que este trabalho ao qual nos introduzimos tem sua originalidade ou sua deficiência. Porque apesar de confiarmos que o mesmo seja digno de se arquivar em um banco de dados de trabalhos sobre drogas, haveria dois itens que tornariam sua busca muito complicada: os itens “droga ou grupo de drogas” e “população onde o dado foi colhido”. Isto nos aponta para especificidade em que o tema está tomado, e indica uma chapação da produção de conhecimento e do pensamento no que concerne ao tema.

É claro que notamos uma curva imensamente diferente entre essas crianças e aqueles escravos, mas há uma linha de pesquisa que é surpreendentemente contínua; os cientistas de 1866 e os nossos contemporâneos insistem em um problema semelhante, num mesmo clichê já secular: drogas fazem mal. Ponto. E seu malefício, aliás, tem muito a ver com alguma substância química em questão.

No banco de dados, a demanda para se localizar a “droga e o grupo de drogas”, assim como “a população em que o dado foi colhido”, são elementos que regem um modo de pesquisar, regem também modos de falar, modos de clinicar e modos de fazer política.

A ideia de “colher o dado” nos faz pensar neste trabalho. É interessante como a palavra “dado” pode construir múltiplas pontes. O dado científico, referente ao passado do verbo “dar”, é aquilo que já está pronto, feito antes, e é coisa clara nas pesquisas científicas. Mas há também o dado cúbico que se usa nos deliciosos jogos de azar, dado este que em algumas situações pouco virtuosas pode estar com um dos lados chumbado, permitindo a previsibilidade do resultado do lance. Este último é o conhecido dado viciado - uma tática de trapaça. E o vício destes dados de jogos de azar se enlaça com um vício que há nos dados dos jogos científicos nas pesquisas sobre drogas, emitindo a repetição e a previsibilidade habitual de resultados.

Ainda sobre a busca no referido banco de dados: a palavra “dado” está combinada com a palavra população, formando a senha “população em que o dado foi coletado”. E sobre isso, não há também alguma curiosa continuidade entre essa população chamada “escravos” e essa outra chamada “crianças”? A ideia de “população” também nos sinaliza a olhá-la com mais calma. Neste trabalho, seguindo Michel Foucault, população é lida como um termo forjado em fornalhas biopolíticas, como veremos ao longo deste estudo.

Façamos um exercício meio extravagante: embaralhemos as cartas. E se aqueles escravos não fossem mais apenas escravos, mas também pesquisadores? E se as crianças “bêbadas” pudessem ser ao mesmo tempo o dado, a população e o cientista? Nos é permitido pensar assim? Ou melhor, pensar assim nos tornará maiores? Para Michel de Montaigne (2011, p. 54) “aquele que nunca viu um rio pensa que é um oceano ao vê-lo pela primeira vez. As coisas que conhecemos são as maiores”. O que enxergariam esses cientistas mestiços além de intoxicação e tabuletas epidemiológicas?

Percorrendo os periódicos, se procurássemos nos resumos de um site de busca de artigos científicos (SCIELO, 2015) por “drogas”, encontraríamos para além dos dois mil e quinhentos escritos, sendo essa uma extensão por de mais genérica e de pouca utilidade para nós. Para refinar esta pesquisa, utilizando-me do que conheço sobre o tema (que gira ao entorno dos debates na área da saúde e dos direitos humanos), fiz mais quatro buscas.

Primeiro pensei em “drogas e redução de danos” (pois “redução de danos” por si só também abria uma busca muito variada), já que redução de danos é a diretriz nacional para se trabalhar na saúde com o tema (BRASIL, 2004): encontrei 42 artigos. Com “drogas” e “cidadania”: 7 artigos; “drogas” e “singularidade”: 4 artigos. Já quando escrevi “dependência química”, termo que não necessitou do filtro “drogas” para manter coerência, despontaram 84 artigos.

Muitas pesquisas que encontramos são repletas de diagnósticos abstratos, de pressupostos excessivamente firmes e de conclusões forçadas demais; são distantes, na grande maioria dessas pesquisas que percorremos no Scielo não se vê nem sujeitos nem emoções, e, com tediosa frequência, insistem em falar de um suposto lugar de neutro.

Certa vez, num curso em que eu participava como educador no projeto Caminhos do Cuidado, uma profissional de saúde fez um contraponto à minha fala, que naquele momento ia ao sentido da relevância de se considerar a subjetividade das pessoas que usam drogas; a colega quis alertar a turma sobre pesquisas científicas que apontavam a relação entre esquizofrenia e uso de cocaína. O referido artigo, que depois ela gentilmente mandou-me por e-mail, chama-se “Neurobiologia e neuropsicologia na esquizofrenia e no uso de cocaína” (COSTA; DALVA, 2002). No mesmo, há uma revisão bibliográfica que, ao que nos pareceu, dá uma frágil sustentação a sua hipótese (que se delinea na aproximação do uso de cocaína com o desenvolvimento da esquizofrenia). No dito texto, notamos isso com afirmações rápidas demais, como: “no caso do uso da cocaína ocorrem síndromes semelhantes às psiquiátricas, produzindo alucinação, alteração do humor e do funcionamento cognitivo” (COSTA; DALVA, 2002, p. 2). Em um movimento de abstração não referido pelo artigo, vai se tomando por indicadores sinônimos a paranoia, a alteração de humor e as alucinações que ora são provocadas pelo uso de cocaína ora tem a ver com as descrições dos manuais psiquiátricos. O que entendemos disso é que a semelhança que brilha nos homônimos se perde na brutal diferença da história e do contexto. Assim, as autoras (COSTA; DALVA, 2002) chegam a citar uma pesquisa que tem como resultado a informação de que 88% dos usuários graves de cocaína têm sintomas tal como os de esquizofrenia. Em um dado momento do “paper”, há a prudência de lembrar que uma importante referência sua, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), alerta que os sintomas (ou, digo eu, os indicadores sinônimos) não devem ser considerados como induzidos por uso de drogas se persistirem por mais de seis semanas após a sua interrupção. O mesmo artigo, contudo, sugere possível falha nessa informação do DSM-IV, dizendo - cheio de pressupostos não nomeados

no corpo do texto - que “a necessidade da abstinência de uso, nem sempre alcançada nos tratamentos, mantém dúvida na definição diagnóstica, em alguns casos” (COSTA; DALVA, p. 2).

Toda essa falação na produção de conhecimento sobre o tema é pertinente em ser considerada por nós; ela dialoga com as experiências que definem importantes campos de experimentações deste estudo. No parágrafo anterior, não foi à toa que rememorei um momento específico em que me indicaram uma leitura. Falo das minhas atuações em dois endereços de educação permanente para o trabalho com pessoas que usam drogas.

Nas experiências da Rede Multicêntrica e do Caminhos do Cuidado, nas histórias das práticas de trabalho, o que se ouvia parecia embalado por um modo de produzir ciência que exclui pensar nos sujeitos como uma variável incontrolável e afetiva.

As pesquisas no Scielo, que cunham “dependência química” como um termo científico, retumbam nas conversas sobre drogas para sinônimo de humano, pessoa, ser, sujeito. Nestes textos sobre dependência química, 48% se utilizam de “dependente químico” como substituto de “pessoa”, “ser”, “humano”; ou seja, apesar de tais designações serem coisas notadamente diferentes, um pesado discurso acadêmico autoriza essa tradução; e ela passeia nos modos de falar e de ser nas drogas. Dos 20 artigos sobre dependência química considerados mais relevantes pelo site, 15 falam de “dependente químico”.

No presente estudo, “dependência química” nos remonta ao filósofo alemão Walter Benjamin (2012b) em seu clássico ensaio “Experiência e Pobreza”. Ali, Benjamin, fala sobre certa forma de miséria que recaiu sobre os homens com o monstruoso desenvolvimento da técnica. Benjamin (2012b), que está falando de um contexto de entre guerras, diz que os livros que inundaram o mercado literário dez anos depois da primeira guerra mundial continham tudo menos experiências comunicáveis de boca em boca.

Isto nos instiga a produzir e a procurar outros modos de pensarmos, outras práticas, outros modos de nos referirmos e de nos localizarmos em relação a esse tema (e em relação à ciência desse tema). E a escrita acadêmica, um alvo que devemos nos aventurar, aqui tomará referência em Jorge Larrosa (2003; 2004) e suas problematizações sobre as formas hegemônicas de expressão da academia.

Pensemos algo drástico (mas não tão drástico). Mia Couto (2012) no início do romance *A Confissão da Leoa*, lembra de um provérbio africano que diz: “Até que os leões

inventem suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça” (COUTO, 2012, p. 4). Crianças, escravos, bêbados, adolescentes, ansiosos, dependentes químicos, violentos, desatentos, mulheres... onde falam?

Se digo isso, é porque lembro das experiências na Rede Multicêntrica e no Caminhos do Cuidado. Há algo em comum nesses dois projetos que vale a pena adiantar nesta introdução, refiro-me a sua proposta pedagógica. Apesar de nós termos sempre alguns conteúdos preparados para as aulas, se problematizava a tradicional passagem de conhecimento do mestre para o aluno. Portanto, nesses espaços era muito valorizado o diálogo entre as pessoas que estavam participando: procurávamos uma metodologia de escuta para quem queria sensibilizar para a escuta.

E aqueles dados viciados das produções científicas se repetiam em muitas histórias que eram contadas nesses lugares, que eram muitas vezes marcadas por um empobrecimento da experiência em prol de termos técnicos. Escutar as histórias sobre drogas era sentir certa ausência, como no apartamento de Dona Emile.

1.3 LEMBRANÇAS DE UM PROCEDIMENTO

Gilles Deleuze (2011), no texto “ O que as crianças dizem” nos traz algumas palavras que deram alento e uma primeira direção frente ao tema do modo que o expus até agora. Ele fala de cartografar: “Impregnar a história e a geografia, organizar a formação de mundos e constelações de universos, derivar os continentes, povoá-los com raças, tribos e nações.” (DELEUZE, 2011, p. 84). Era essa noção, essa estética que anunciava as coisas que faltavam por serem ditas quando deparava-me com o enrijecimento de entender e de pensar o mundo utilizando-se das drogas como referência. Tinha a pretensão de fazer uma cartografia.

A ideia de uma cartografia, contudo, por algum motivo, foi perdendo sopro. Minhas experiências se davam nos diálogos dos cursos, eu escutava muitas histórias e muitas narrativas. Isso me suscitava o desejo de construir outras narrativas, ou remontar em escrita aquelas que pareciam trazer alguma raridade.

E eu queria construir narrativas, e com as narrativas, mostrar que há coisas importantes não ditas nas drogas, e isso, de algum modo, contribuía para certa mazela na vida de muitas pessoas. E estas coisas não ditas se materializavam na exclusão das experiências subjetivas e únicas das histórias sobre drogas. As singularidades destas histórias por vezes não

eram nem descartadas, mas estavam ausentes de modo como se nunca tivessem alcançado importância; ou seja, diferente de dona Emile, pareciam apagados os seus rastros.

Em meio a esses pensamentos, como um empirista cego (FOUCAULT, 2012), encontrei-me com a ideia do narrador.

E aí era preciso pensar uma forma de narrar. A ideia do narrador trazia ares de restituir alguma coisa perdida. Benjamin (2012) irá nos falar em especial das peculiaridades da narrativa oral, e esta referência pude utilizar para dar consistência ao pensamento acerca do empobrecimento das histórias sobre drogas, sobre as dificuldades e a necessidade das narrativas.

O que estava ali, na ideia do narrador, era a construção, arrisco dizer, como que de um *ethos* da expressão. Um modo de contar que, nas drogas, se mostrava rarefeito tanto nas produções científicas quanto nas políticas e nas práticas clínicas.

Então a cartografia foi embora. Guardei-a na minha estante enquanto lia Blanchot (2005; 2010; 2007; 2010b) ebriamente. E Blanchot, este escritor, este ensaísta, falava de literatura, falava das obras, dos mitos, dos escritores, dos artistas, da poesia, da escrita e do silêncio.

A escrita tornou-se um elemento dos mais significativos a ser pensado e a ser trabalhado. As drogas e a escritura; ou as drogas, a escritura, as narrativas. Tratava-se de modos de dizer e de ser nas escrituras sobre drogas e nas falas dos trabalhadores. E com este estudo fomos recriando alguns vestígios apagados das narrativas sobre drogas.

Definimos um rumo (mas não o percurso): sobre ouvir as drogas e suas narrativas. Eram as histórias que traziam uma descontinuidade da maioria que me chamavam ao faro. Seja em uma palestra, em um livro ou no táxi, seja, como logo veremos adiante em maior terreno, nas experiências na Rede Multicêntrica e no Caminhos do Cuidado. Como procurava histórias únicas, não podia me dar o luxo de escolher exatamente quando isso ia acontecer: então, em um primeiro momento deste tempo de pesquisa, minha posição era quase como um tolo (e ganancioso) jornalista que espreita furos de reportagem.

Poderíamos escrever muito sobre a ideia de “furos de reportagem”. Creio que o furo, essa palavra, diz da produção de um espaço. Há muito pouco tempo, quando a principal fonte de informação escrita era exclusivamente provinda de material impresso, o furo atuava no momento em que os jornais estavam preenchidos de notícias e prontos para irem para as prensas. O que ocorre é que se algum jornalista descobre algo que é extra ordinário, se arruma

um espaço entre as matérias, entre as linhas: se faz um furo para colocar aquela informação nova e preciosa. O furo é de vários autores, e há toda uma hierarquia por cujo crivo passa a ideia do furo: o que é especial? O que tirar para colocar? O que vale a pena, mais que qualquer outra coisa, de ser imediatamente contada amanhã? Por isso, o furo não é exatamente incompleto, mas está cheio de gente seleta que decide com rapidez sobre sua pertinência para os leitores e seus hábitos.

Os furos de reportagem fazem um esforço para se afirmar como erro, como incomum; eles caracterizam-se pela exclusividade de um determinado veículo de informação, e pretendem-se valiosos por se acharem inesperados e raros. Há duas coisas que o furo de reportagem tem e que queremos criticar. Uma é sua capacidade de império sobre as outras notícias – os furos de reportagem muitas vezes são como um excesso de perfume. E a outra crítica, mais importante talvez, é que geralmente o furo não é nenhum anti-clichê, mas uma exacerbação bizarra e forçada do próprio clichê.

Michel Foucault, em uma entrevista (FOUCAULT, 2012b), respondendo a um questionamento sobre os efeitos de sua produção diz “Eu sou um jornalista”. Neste caso, haviam perguntado se ele não seria como um profeta...

Mas é preciso muito cuidado ao nos aventurarmos nessas metáforas. Walter Benjamin é um importante interlocutor aqui, e estaríamos sendo muito pouco rigorosos se não fizéssemos menção sobre este autor ser contundente e preciso nas críticas aos periódicos e à produção massiva de informação. Para Benjamin (2012), a informação é de uma pretensa frieza, de uma pretensa neutralidade que basicamente só se interessa, para contar os fatos, em miseravelmente ser plausível e clara - a informação faz um grande esforço para apagar o rastro da autoria. O periodismo se encontra no local de empobrecimento da experiência. E essa ideia da informação de Benjamin tem muito a ver com aquelas pesquisas sobre drogas que citei e que tem seus dados viciados.

Por isso, seremos menos um jornalista e mais um narrador. A ideia de narrador dialoga com outro modo de contar e de compor histórias, e é isso que nos interessa. Benjamin (2012a, p. 221) diz que - e essa citação de tão boa que é a repetiremos mais adiante - na narrativa se imprime a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Foucault (2012) em outra entrevista, diz que é um “empirista cego”. “Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos.” Ele explica:

Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos, bons ou maus, fabricados por mim. Eles são falsos, se meus instrumentos são falsos... Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que pensam descobrir, e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio, de livro em livro (FOUCAULT, 2012, p. 224).

Nesta citação temos elementos que não poderíamos nos furtar de deixar passar sem dar alguma notícia sobre. Pareceria redundância, mas é importante frisar: o autor nos diz que são os instrumentos para pesquisar que se destinam a fazer aparecer objetos, e não o contrário. E nossos instrumentos aqui são: a ideia do narrador, um gesto que chamei de “catar” (e que explicarei mais no capítulo que segue a este) e a operação ensaio (que também está por vir no texto). Outra frase que repito aqui: “Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que pensam descobrir” (FOUCAULT, 2012, p. 224), acho que por isso dei descanso à cartografia.

Sobre os instrumentos, como ainda encontramos-nos em uma introdução, poderíamos, em um ímpeto de resumo, compactá-los na ideia de narrador e de empirista cego. De narrador, pois são instrumentos destinados a contar, a dar visibilidade para uma pesquisa, que é sempre uma história; e empirista cego porque não paramos de tatear e de titubear.

Dissemos antes que uma questão do falar, do referir-se, do dizer está neste trabalho como um campo altamente estratégico de ser pensado. E ela estará sendo percorrida de diferentes maneiras nos diferentes “ensaios” que seguem. As histórias que ouvimos estarão ali compondo a análise e qualificando os elementos que vamos trazer para refletirmos e nos debruçarmos. Haverá então, nos escritos que virão, algumas intermitências narrativas que por vezes (mas nem sempre) escolhi por escrever em itálico. Estarão em itálico aquelas narrativas que se bastam, no sentido de que estão prontas - têm início meio e fim; as outras, por inacabadas, serão como que pegadas pelo meio e, por isso, estarão tramadas no meio de nossas cenas e reflexões.

A intercalação dos textos não segue um caminho propriamente conclusivo. Eles se colocam frente ao nosso problema (“implicações, ruelas, bifurcações, pontos de respiro, blocos de bloqueio” do falar e do não falar nas drogas) como gestos em uma mesma direção mas que se repetem de outra forma; se voltam para perguntas semelhantes, mas visto de um ângulo um pouco diferente. Como se ao olhar para um objeto-espelho, em cada texto, pudéssemos dar um passo para o lado que nos proporcionasse ver outro rosto.

Apesar de cada escrito ser um pequeno mundo particular, há uma ordem entre eles, uma sequência proposital: a introdução é, naturalmente, um dos primeiros textos e aqui se encaminha para o final. Depois da introdução, falaremos mais sobre método, os nossos instrumentos (que já aponte aqui). Em seguida, veremos alguns aspectos mais próximos das experiências da Rede Multicêntrica e do Caminhos do Cuidado, e ainda aqui (como nesta introdução) estaremos falando de um modo de pesquisar, de um estilo e sobre esfolar a memória.

Mas depois de conhecermos um pouco mais as experiências da Rede Multicêntrica e do Caminhos do Cuidado, já teremos dado alguns passos de nosso ponto primeiro: que fora, ali atrás, os livros achados no lixo.

Então notaremos estar em outra parte. Precisaremos olhar para alguns aspectos das políticas de governo com a ajuda de Michel Foucault, o que demandará, em concomitância, que nos ocupemos em pensar, como já o estamos fazendo, sobre algumas operações na linguagem.

E falaremos do encontro com uma narrativa escrita por uma pessoa que, devido ao seus hábitos em relação à cocaína e ao álcool, passou por uma situação de terrível enclausuramento e tortura institucional. Tal sujeito a que nos referimos escreveu um livro contando sua experiência.

As histórias que ouvi e que participei estarão salpicadas por aí, nos ajudando a ensaiar. São como vestígios espalhados em fragmentos. Fragmentos de um cale-se. O rastro do silêncio do título perpassa sempre a nossa questão, mas dá as caras mais diretamente somente depois de se encolher por uma excessiva falação sobre drogas; e, neste momento, tentaremos resgatá-lo como veneno e bálsamo, no escrito “A interrupção”.

Para em seguida finalizar com uma reflexão sobre o fim do trajeto e sobre equilibrar e naufragar.

2 METODOLOGIA: UMA IDEIA, UM GESTO E UMA OPERAÇÃO. NARRAR, CATAR E ENSAIAR

Começemos pelo ensaio.

Sempre achei um fato instigante a flexão que Michel Foucault faz quando passa a estudar a Grécia clássica e a *epimeleia heautou*, o cuidado de si. O professor Cláudio Ulpiano(2014), em uma videoaula sobre liberdade e pensamento em Espinosa, comenta o quanto essa volta de Foucault pode nos intrigar. Em um tempo sinuoso como o nosso, Ulpiano pergunta: “será que Foucault estaria se retirando do campo de batalha e entrando no campo das curiosidades?” (ULPIANO, 2014). Não, pelo contrário, diz o professor. O próprio Foucault (2012c), na introdução da História da sexualidade II, após ter ficado 8 anos sem ter publicado um livro, comenta o que está fazendo em um texto sobre ética. E é justamente a partir desse movimento que o filósofo francês se dedicará aos estudos da ética do cuidado de si e da vida como uma obra de arte. Suas primeiras palavras na História da Sexualidade II: “Esta série de pesquisas surge mais tarde do que eu previra e de uma forma inteiramente diferente.” (FOUCAULT, 2012c, p.9).

Nesta célebre introdução de a História da Sexualidade II: o uso dos prazeres, Foucault (FOUCAULT, 2012c) usa o termo “ensaio” – ele escreve com as aspas. As aspas não são qualquer coisa. As aspas de uma palavra raramente estão ali para serem ignoradas, apesar de muitas vezes o serem.

Foucault (2012c) diz que é necessário entender o “ensaio” como “experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação”.

Antes destas palavras, Foucault pergunta: “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (FOUCAULT, 2012c, p. 15).

Jorge Larrosa (2004) faz uma reflexão acerca desse mesmo trecho da História da Sexualidade II em que Foucault cita o termo “ensaio” entre aspas. Aquele fala da relação íntima do ensaio com o presente, e como essa relação ajuda-nos a pensar sobre o salto de Foucault para os gregos.

Larrosa (2004) diz que no ensaio sempre se trata de criar uma distância entre nós e

nós mesmos.

Sempre se trata de desconjurar o presente, de desnaturalizar o presente, de estranhar o presente, de converter o presente não em um tema, mas em um problema, de fazer com que percebamos quão artificial, arbitrário e produzido é o que nos parece dado, necessário ou natural, de mostrar a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo. (LARROSA, 2004, p. 34).

Então perguntaríamos: o que é esse presente? O que é isso que se trata de converter não em um tema, mas em um problema?

Para reagirmos ao que o presente nos diz, Larrosa fala que “há que se buscar signos do presente, detalhes, talvez miudezas, aspectos mínimos que pareçam banais, mas contemplados de outro modo, partindo de outro ponto de vista, de outra disposição, de modo que apareçam como vistos pela primeira vez” (LARROSA, 2004, p. 35).

O olhar afinado do ensaísta lhe permite prestar a atenção àquilo que habitualmente passa despercebido, ao detalhe, mas que, ao mesmo tempo, consegue que esse detalhe apareça sob uma nova perspectiva e que se amplie até o infinito, que expresse todo um mundo e toda uma forma de habitá-lo e, ao mesmo tempo, o estranhe até torná-lo inabitável. Ou torná-lo habitável, mas, precisamente, nesse estranhamento.

Estamos nos introduzindo desse modo para falar da escrita como ensaio, da pesquisa como ensaio. Mas o termo ensaio é conhecido e operado muito além das arquiteturas da Universidade. O ensaio, nos lembra Blanchot (2010), foge a exigência do pensamento que pretende ter sua sede na Universidade.

E tudo isso que até o momento, de modo o mais acadêmico possível, ensaiamos sobre o ensaio poderia ser resumido em poucas palavras. Não precisamos de demoradas explicações para ter ideia do que é o ensaio na música ou no teatro. Quando iniciei os estudos sobre o ensaio perguntei a uma bailarina como que era ensaiar; ela me disse que ensaio é onde dá para se divertir e onde dá para ousar.

O ensaio escrito é comumente tratado como um híbrido entre literatura e filosofia; divertir-se e ousar.

Vejamos o que Larrosa (2004) nos diz em mais uma citação sua sobre a escrita em Foucault (já que foi assim que começamos o texto):

Em Foucault, o pensamento se faz escrita, se pensa como escrita e, no limite, se dissolve em escrita. E é justamente ao dissolver-se como escrita que ele se abre para a sua própria transformação, para seu próprio ensaio. Em Foucault, ensaiar seria uma experiência simultânea de escrita e pensamento, uma experiência na qual se decidiria o que nos é dado dizer e o que nos é dado pensar, ao mesmo tempo, no presente, na primeira pessoa. (LARROSA, 2004, p. 35)

Na primeira pessoa. O ensaio é feito sempre em primeira pessoa. Em pesquisa científica, escrever em primeira pessoa é um pouco constrangedor. Mas, seguindo a pista do ensaio, esta é a nossa opção, e dentro da qual oscilamos entre plural e singular. Pois, ao escrever, aparecem ideias que foram construídas coletivamente, e que demanda que seja dito assim; outras vezes se mostra necessário falar na primeira pessoa do singular para que nos impliquemos na autoria.

Larrosa (2003), em outro artigo, chamado “O Ensaio e a Escrita Acadêmica” nos traz uma reflexão sobre a escrita e a leitura acadêmica a partir da ideia do ensaio. O ensaio como um “modo de escrita” normalmente excluído de um espaço de saber. E Larrosa nos lembra que “os dispositivos de controle do saber são também dispositivos de controle da linguagem e da nossa relação com a linguagem, quer dizer, das nossas práticas de ler e escrever, de falar e escutar” (LARROSA, 2003, p. 102). É importante nos ocuparmos de pensarmos na língua, esse substrato que concentra o trabalho da academia que é, cada dia, escrever, ler, falar e escutar.

E falávamos do ensaio e de sua relação com o presente e a necessidade de “desconjurar o presente”, de revolvê-lo. Larrosa (2003) diz que não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta linguística, uma revolta no modo de nos relacionarmos com a linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, que não há modo de “pensar de outro modo” que não seja, também, “ler de outro modo” e “escrever de outro modo”.

O ensaio é um gênero impuro; há uma citação de Theodor Adorno (2003) no seu texto chamado “O ensaio como forma”, onde ele nos diz que a lei formal mais profunda do ensaio é a heresia. Ele explica: “Apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava, secretamente, manter invisível.” (ADORNO, 2003, p. 45).

“O ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento,

objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro. O que o ensaio faz é colocar as fronteiras em questão.” (LARROSA, 2003, p. 106). Sobre essas fronteiras a que nos levamos na escrita, Baptista (2008), falando de Walter Benjamin, nos ajuda a habitar tais limites. O autor nos aponta que o filósofo alemão trata a fotografia, a montagem cinematográfica e a literatura não como exclusivamente modalidades de arte; aquelas seriam também modos singulares de pensamento, “artifícios fecundos para o escape de uma filosofia que dicotomiza forma e conteúdo, estética e política, pensamento e vida.” (BAPTISTA, 2008, p. 2).

Gesto é um substantivo que se refere a movimento. Se a cena de um gesto é congelada, só podemos dizer se aquilo é um gesto de amor, de esperança ou de ódio se emprestamos nossa imaginação para dar movimento. Catar, ensaiar e narrar são movimentos investigativos dessa pesquisa.

Catar nos remonta àquelas buscas revestidas de menor importância. Por isso os catadores de lixo, ou os cata-ventos, ou aquele-que-vai-catar-coquinho. A coisa a ser catada talvez se caracterize antes por ser extraviada do que por ser específica; está sempre a mercê de alguma sorte.

No movimento de catar há uma espécie de escolha na deriva. Deriva, este estado estático do movimento. O gesto de catar envolve essa perambulância, essa experiência da deriva e do acaso. O ensaio tem uma forte relação com a experiência - a experiência do presente; Larrosa (2004) nos diz que a experiência do presente faz desse mesmo presente um momento crítico, de transição, de mutação; e é nessa mutação que o ensaísta se quer inserir. “O ensaio é a escrita de um tempo inseguro e problemático, de um tempo “à deriva”, como dizia Montaigne” (LARROSA, 2004, p. 38). E aí está justamente a conveniência do ensaio e da narração para com o gesto de catar: se o catar envolve ,então, certa deriva, certa dispersão, o ensaio, por sua vez, veremos, funcionará como um barco para nós; e a narração será nosso fôlego.

A produção desta pesquisa se estende na experiência com pessoas que contavam coisas sobre pessoas que usam drogas (vale a pena dizer que raras vezes esses personagens coincidiram em um só - poucas vezes esses que usam drogas falaram). Essa experiência tem o pano de fundo (ou como um atracadouro geral) as participações deste pesquisador nos

projetos Rede Multicêntrica e Caminhos do Cuidado (que contaremos no texto seguinte). Mas dizer assim, de modo tão genérico - que as pessoas contavam “coisas” sobre pessoas que usam drogas - poderia parecer desleixo nosso; ocorre, contudo, que, pelo contrário, referenciamos um “lugar onde se contam coisas” para que tenhamos o poder de desenhar a necessidade desse gesto que é o catar; e, por conseguinte, a necessidade de ensaiar essa catação, de ver essa catação como um ensaio. Catar e ensaiar.

E como o que se contava era posto em forma de histórias, a ideia do narrador muito nos é bem-vinda: mesmo que seja para notarmos (catarmos) a raridade hodierna dos elementos que Walter Benjamin (2012) desenha nas narrativas que, aliás, é o que o filósofo aponta no seu texto - que vive-se uma estiagem de narradores. Assim como a narrativa nos ajuda a pensar as histórias que escutamos, em um movimento do qual falamos há pouco sobre não dicotomizar forma e conteúdo, ela também se faz como estilo e influência ao nosso modo de ensaiar.

E adiantamos neste momento duas frases retiradas da vasilha de onde bebemos a ideia de narrador: “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 2012a, p. 214); e outra: “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (BENJAMIN, 2012a, p. 221).

Diversos profissionais, diversas histórias, diversos pensamentos. Seria divertido pensar em tudo que é diverso na pesquisa. Mas também seria meio chato e não temos tempo. Pelo gesto de catar, veremos que essa diversidade de “ouvir coisas”, contudo, abrirá espaço para aparecer algumas curiosas linhas de coerência e continuidade – linhas que não se conjugariam se não tomássemos a dimensão do ensaio, tal como nos apresenta Larrosa (2004) - a operação ensaio na escrita e na vida como uma questão intrínseca ao desejo de catar e de narrar histórias.

Jorge Larrosa (2004), no artigo “A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita, na vida”, diz que o ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente – há uma relação bem estreita entre o ensaio e a atualidade. Em um embaralhado de histórias espalhadas sobre a mesa, cujas distâncias e diferenças, veremos, se turvam por clichês, surge a necessidade de pensar/pesquisar uma nova abertura deste presente; naquilo que é volumoso, o que escapa ao volume: os vestígios discretos da

singularidade nos espetáculos das generalizações.

Por isso, o gesto de catar histórias como parte de um método. No dicionário de português (DICIONÁRIO..., 2014), catar, além dos sentidos mais explícitos como “buscar” e “procurar”, encontramos também caracterizações mais específicas: “*Procurar* ou *tirar* insetos nocivos a alguém; tirar insetos e impurezas de alimentos: '*catar* o feijão'.” (DICIONÁRIO..., 2014).

A palavra catar seria a forma portuguesa do que em latim é *captare* (ORIGEM..., 2014). Nesta língua antiga - dizem - era frequente utilizar o termo para “tratar de perceber pelos sentidos” (ETIMOLOGIAS..., 2014). Seria interessante também referenciar a língua espanhola, que tal como o é para os brasileiros, tem o latim como o que se chama de “língua mãe”; em espanhol, pois, também existe o termo “catar” remontando a mesma origem do termo em português – os significados, contudo, são sensivelmente distintos.

A língua castelhana se apropriou de um sentido peculiar de “tratar de perceber pelos sentidos”; a tradução de catar do espanhol para o português significa “degustar”; aqui, o *captare* tomou o caminho de conhecer os valores do vinho (RODRÍGUEZ, 2014), por exemplo. E algo que nos convida a atenção nesse brevíssimo apanhado etimológico é que tanto o termo espanhol quanto o termo português, apesar de se referirem a coisas distintas, em ambos os casos estarão, de algum modo, mirando para o seu duplo da língua prima. Assim como o catar em espanhol - degustar - não abandona por completo a ideia de buscar, pegar, a palavra “catar” (dita em português) não deixará de referir-se, de algum modo pelo menos, ao signo da experimentação e de certa avaliação.

Então, catar: procurar insetos e impurezas, ver com cuidado; degustar, experimentar. Entendemos que catar é uma forma de experiência do presente. O ensaio, nos diz Larrosa (2014), dá o que pensar, dá a que deve ser pensada a experiência do presente. Para falar deste presente do ensaio, este autor nos lembra do movimento de Michel Foucault para os estudos dos gregos clássicos, coisa que, como comentado no início do texto, a primeira vista parece nos apresentar justamente uma exterioridade a esse presente; ocorre que no ensaio trata-se sempre de criar uma distância entre nós e nós mesmos. “Sempre se trata de desconjurar o presente, de desnaturalizar o presente, de estranhar o presente.” (LARROSA, 2004, p. 34).

A operação ensaio faz catar histórias, agrega importância aos elementos que se destacam ao catador-pesquisador. Aqui o ensaio opera ficcionando o objeto catado para

dimensiona-lo em um problema sobre o qual devemos nos debruçar. “O ensaísta seleciona um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático, e a isso dá uma grande expressividade.” (LARROSA, 2003, p. 111). O ensaísta é um catador.

Contar histórias: a comunicabilidade da experiência. Walter Benjamin (2012), no texto “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai LesKov”, escrito em 1936, anima essa pesquisa por todos os lados. As narrativas que se escuta (ou que não se escuta), depois a escrita dessas narrativas, o ensaio das narrativas; catar narrativas.

Benjamin (2012a) deixará muito claro que nos tempos modernos se vive uma decadência da narrativa oral e dos elementos que a adornam. Está em queda a liberdade das palavras sobre os mitos e sobre as verdades; toda a artesanaria da narrativa e a sua relação com o ouvinte pouco dão as caras. Lendo o filósofo berlinense (BENJAMIN, 2012a; 2012b) vemos a racionalidade sem cicatriz (pura, limpa, sem máculas) e a clareza das informações dos jornais e dos relatórios brindarem triunfo junto ao “monstruoso desenvolvimento da técnica.” (BENJAMIN, 2012b) enquanto a paisagem que marca o mundo é a da guerra de trincheiras.

E com o narrador de que Benjamin nos fala, procuramos montar a ideia de um catador de histórias; seria difícil imaginar um narrador que conhecesse apenas uma história. Benjamin (2012a) associa o narrador a algumas figuras: o viajante, o comerciante, o marinheiro: “quem viaja tem muito que contar.” (BENJAMIN, 2012a, p. 214) – o narrador como aquele que vem de longe. Mas também o camponês sedentário e seus anos vividos, o velho no leito de morte. Tipos diferentes em tudo exceto na capacidade de transmitir a experiência (LIMA; BAPTISTA, 2013).

O narrador é claramente sensível ao ouvinte. Por isso em especial a narrativa se diferencia da informação: que é composta por descrições cruas, pretensiosamente neutras e que se esforça para não provocar dúvidas sobre o que está nas suas assertivas. A narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila dos vasos” (BENJAMIN, 2012a, p. 221) – a narrativa e toda sua relação com o entorno do presente.

O ensaísta, nos diz Larrosa (2003, p. 110), é um transeunte, um passeador, um divagador, um "extra-vagante",

São conhecidos os hábitos metodológicos de planejar e seguir tal qual foi o planejamento; isso por si só, às vezes, em inópia, credita certo grau de verossimilhança para uma pesquisa. Larrosa (2013, p. 112) nos diz que o próprio movimento do ensaio é uma problematização do método que uma vez fossilizado, se torna uma figura linear, retilínea. O ensaio, no entanto, seria uma figura de caminho sinuoso, um caminho que se adapta aos acidentes do terreno. Este autor (LARROSA, 2013, p. 112) diz que o caminho linear, retilíneo é o caminho daquele que sabe previamente aonde vai, e traça, entre ele e seu objeto, a linha mais curta, mesmo que para realizá-la tenha que ignorar montanhas e rios.

O narrador que vem de longe (BENJAMIN, 2012a, p. 214) fala das montanhas e dos rios; mesmo que em algum momento da sua história tenha de abandoná-las (pois as paisagens mudam), nunca irá recusá-las; abandonar pressupõe “ter atravessado”.

Relembremos aquelas frases de Benjamin: “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores.” (BENJAMIN, 2012, p. 214) e “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo.” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Uma última citação: “Digamos que o ensaísta não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. Descubra tudo isso à medida que anda. Por isso, o ensaísta é aquele que ensaia, para quem o caminho e o método são propriamente ensaio.” (LARROSA, 2003, p. 112).

3 TURBULÊNCIA E MANIÇOBA: A EXPERIÊNCIA NO PROJETO CAMINHOS DO CUIDADO E NA REDE MULTICÊNTRICA

Estamos em um avião indo pra casa. Boa e velha casa. Existe um tipo de turbulência da qual as pessoas dizem que o avião “pegou um vácuo”. É um fenômeno causado por correntes de ar dentro de nuvens ou grandes diferenças de pressão, acontece uma momentânea perda de sustentação e o avião perde altura como um elevador que desce muito rápido. Viajar de avião é um luxo, viajei a primeira vez há poucos anos; com o projeto Caminhos do Cuidado as viagens passaram a ser frequentes e, como muitos, já nem me lembro mais quantas vezes utilizei desse veículo que intervém na virtualidade das distâncias. Pegar um vácuo é sentir uma fugaz certeza de que o avião vai cair e que vamos todos morrer incapazes de fazer qualquer coisa.

Neste dia que peguei um vácuo no ar, estava voltando da linda cidade de Belém. Chamou-me a atenção que em Belém, ao mapa no extremo oposto de Porto Alegre (onde resido), fosse possível depararmos com os mesmos escritos que violam os muros da capital gaúcha: “polícia fascista”, “passe livre”, “foda-se a copa”.

Em Belém, deixei de comer maniçoba, um prato típico local. A maniçoba, dizem, é algo como uma feijoada indígena que, ao invés dos comuns grãos escuros do feijão, sua feitoria é a base de folhas de mandioca. Não ter experimentado a maniçoba me deixa com duas saudades: uma refere-se ao fato de que, diferente das pichações, não encontro esse alimento em Porto Alegre; o outro fator consiste na poesia de seu preparo. A folha de mandioca é cozida durante sete dias ininterruptos, é um paciente procedimento para que seja neutralizado o seu veneno.

Tive a sorte de combinar viagens com trabalho. Em dado momento, minha função no projeto Caminhos do Cuidado era estar junto a profissionais de nível superior do Sistema Único de Saúde para estes tornarem-se tutores de um curso voltado para agentes comunitários de saúde (ACS) e agentes e técnicos de enfermagem (Atenfs) de Estratégias de Saúde da Família. O principal objetivo do projeto era formar a totalidade dos ACSs e boa parte dos Atenfs do país. Para isso era preciso que uma equipe centrada inicialmente no Rio de Janeiro e em Porto Alegre se estendesse pelo território nacional durante os anos de 2013 e 2014 para preparar os tutores para darem aula ao público final.

Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Curitiba, Goiânia, Belém, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte, Vitória, Fortaleza, Porto Velho, Boa Vista e São Luiz são cidades, nesta ordem, que já visitei com os propósitos do projeto Caminhos do Cuidado. Falando desse modo das cidades, já denoto certa serialidade a que me sinto exposto; refêem da memória e incapaz de abraçar todas as belezas todas as singularidades, agora lembro delas assim, em lista.

Mas não nos apressemos; acho que é importante, antes, lembrar quais são alguns propósitos do projeto Caminhos do Cuidado. Começamos por contextualizar dizendo que seu intento é, como já comecei a dizer, uma formação da totalidade de agentes comunitários de saúde e parte dos técnicos de enfermagem do Sistema único de Saúde para trabalhar com drogas e saúde mental. É uma ação de governo federal que envolve eixos de um programa sobre drogas mais amplo: o Crack é Possível Vencer (OBSERVATÓRIO..., 2014), que contém três eixos. Cuidado, Educação e Autoridade. Uma direção frequente da cartilha que explica o programa é a integração entre entidades para lidar com o problema (juntos contra um inimigo comum!); o Caminhos do Cuidado é financiado seguindo a lógica da integração dos eixos Cuidado e Educação.

Algo muito importante nos cursos (tanto para tutores como para os agentes e técnicos de saúde) se colocava no sentido de deslocar preconceitos quanto ao cuidado de pessoas que usam drogas. As discussões sobre drogas, como já comecei a falar, são permeadas fortemente por dizeres reducionistas e, ao mesmo tempo, como veremos, demasiados. No nosso contato com os profissionais da saúde, se colocava evidente um discurso comum que vemos de modo problemático nas mídias de grande circulação. Procurando o novo referenciado no velho. Ir a uma nova cidade era uma nova expectativa de como isso apareceria nos debates desse molde.

Procurando o novo baseado no velho. Ou seja, tínhamos esse a priori de que o tema era polêmico e, por vezes, dramático e carregado de práticas fascistas. Contudo, belas histórias nos surpreenderam tanto quanto as funestas. E de funesto lembro-me da vez que uma profissional de um município de interior de Santa Catarina, durante uma roda de conversa, narrou sobre um jovem usuário de crack que foi, junto com outros pacientes de um CAPS AD, a um evento do tipo seminário chamado “como vencer as drogas”; durante o evento, o rapaz parecia meio agitado - narrou a colega - e, provavelmente, ele “tinha usado naquele dia”. Quando as autoridades iniciaram a fala de abertura (secretarias da saúde, segurança, educação

e prefeito), o jovem agitado irrompeu do silêncio da plateia e gritou: “ESTOU COM FOME”; imediatamente, como se já tivessem apostos e o grito do rapaz soasse como “AGORA!”, um grupo de policiais avançou no jovem imobilizando-o e em seguida arrastou-o até a viatura sem mais explicações que saiu e se perdeu na distância dos olhos envergonhados das pessoas que ali ficaram.

De belo, lembro-me de uma moça cega participando do curso para tutor que contou a sua história de cegueira tardia e disse da experiência de modificar um olhar; ao fim, pegou um violão e tocou uma música.

Mas um intento aqui também é experimentarmos nos perder entre os caminhos do belo e do funesto, tentar vagar ao alto as dicotomias que restringem tanto o pensamento nas discussões sobre drogas (TORROSIAN; PAPINI, 2013).

Um curioso procura curiosidades. Curiosidade, imaginemos, é uma espécie de vontade - diferente da realização final de um desejo. Então, nos é permitido pensar, se um curioso procura curiosidade, ele procura uma vontade; porém, procurar já pressupõe uma vontade: a vontade de achar. Então, a partir dessa breve reflexão podemos pensar que curiosidade é uma vontade de vontade; coisa parecida com a insônia (que é vontade de vontade de dormir).

Devaneios a parte, a curiosidade me dava vontade de ver detalhes únicos em todas as cidades. Ocorre porém que um dia, em Curitiba, confessei para uma colega algo que incomodava minha curiosidade. Um pouco embaraçado, disse a ela que havia algo inesperado nas cidades que andávamos visitando: elas eram, de certo modo, iguais. A minha colega (que estava em sua primeira viagem com o projeto), também ansiosa por singularidades, discordou e deu a entender que eu não estava me esforçando direito e que eu era pouco criativo. É claro que eu estava me esforçando... Mais tarde esqueci-me desse episódio. Agora, porém, posso lembrar que sim as singularidades estavam lá; só que não as encontrei, obviamente, onde eu estava procurando. Afinal, nos parece que um curioso só se sacia quando encontra algo de fora, da borda exterior ao que a imaginação pôde suportar; um curioso nunca acha nada, porque quando acha esqueceu-se que estava procurando.

Dessas memórias, nesse momento, é importante registrar que havia uma friagem nas cidades, friagem que as *continuidades* suscitavam neste pesquisador. Há um filme dirigido por Anna Luiza Azevedo (2010) que chama-se “Antes que o mundo acabe” (2010); neste, um

fotógrafo está envolvido em um projeto cujo nome é homólogo ao do filme: “Antes que o mundo acabe”; ele viaja pelos continentes do planeta catando os últimos registros de civilizações que nunca tiveram contato com a história da cultura global hegemônica. A ideia do projeto no filme é fazer esses registros antes que seja impossível.

A continuidade vem logo antes (é uma irmã mais velha) da generalização. E as cidades visíveis a que me referia à minha colega, aqui, são importantes para esboçarmos a problemática da continuidade.

E é precisamente na cidade de Curitiba, no ônibus que nos levava do local dos cursos até o hotel, que as ideias da pesquisa de mestrado começaram a virar texto. Preocupado com os acontecimentos que o tema das drogas fazia emergir no projeto Caminhos do Cuidado, falei para os amigos: “o que há é um silêncio na área das drogas, é proibido falar!”; o que um astuto e experiente colega respondeu “ ao contrário, se pode falar sim das drogas, e se fala até demais! Só que só se fala merda, o que há é uma tagarelice”.

Há figuras de continuidade neste episódio.

Aeroporto, táxi, hotel. Isso esteve necessariamente presente em todas as cidades. Desses três elementos, ousou destacar um deles: o hotel. Diferente dos táxis e dos aeroportos, os hotéis, lugares de estadia e não de passagem, são os que, dos três, encontro lembranças bem mais palpáveis. E não digo isso pelo fator (talvez crucial) de que as formações aconteceram nos mesmos hotéis em que estávamos hospedados (não em Curitiba, veja).

Em Minas Gerais, em um curso de tutores, ficamos em um hotel antigo e grande no centro da cidade de Belo Horizonte. Havia lindas tapeçarias enfeitando longas paredes que desembocavam em escadas. Tinha um teatro com capacidade para mais de quinhentas pessoas. Tudo muito velho, nos espaços para realização de eventos - muitas salas com carpete vermelho, as majestosas tapeçarias sempre nas paredes enquadradas em vidro; algumas salas possuíam lustres bonitos e desnecessários; inúteis cortinas contornavam as bordas das janelas de salas onde não entra o sol. Havia enfeites e decorações que chamavam outra época; parecia o ambiente aristocrático de um filme dos anos 30 (ou de uma era proustiana). Quanto a esse ambiente todo, descobri que ali, naquelas salas em que faríamos uma capacitação sobre drogas para profissionais da saúde, em áureos anos passados, ocorreram as efusões de um

grande cassino que o hotel abrigara.

E nesse hotel em que os vícios trocavam suas máscaras em um baile do tempo, após uma oficina, escutamos a história de Fernanda. Fernanda era uma enfermeira de uma Estratégia de Saúde da Família que expôs em um debate um sentimento; ela temia ser negligente. Contou que se estivesse fazendo seu trabalho no posto e chegasse uma pessoa que está, segundo avaliação dela, nitidamente se matando devido ao uso de alguma droga, ela, como profissional, se não dissesse para essa pessoa parar de fazer uso, estaria sendo negligente. Como educadores achamos essa uma ótima questão, em especial porque fazia parte de um anseio. Pedimos para que Fernanda contasse mais.

Acontece que Fernanda atende no posto a Dona Terezinha. As duas encontram-se há dois anos quase toda a semana. A Dona Terezinha, na verdade, também é conhecida como Professora Terezinha. Fernanda disse que o que a perturbava enquanto profissional de saúde era que a Dona Terezinha bebia mais de um litro de cachaça por dia. Todos os dias. Nos fins de semana, começava na sexta-feira à noite e só parava no domingo; o fim de semana era diferente dos dias “úteis” porque Dona Terezinha trabalhava como professora em uma escola local. Fernanda procurava entender de que maneira a professora Terezinha conseguia beber mais de um litro de cachaça em uma noite e, pela manhã, estar em plena disposição para ir ao trabalho – todos os dias, não faltava nunca.

Fernanda solicitava ao grupo da oficina uma “explicação física” para o que acontecia com a sua paciente. Lembrou do problema clássico da mistura de fármacos (quando um combina com outro e sua interação se torna fatal); a presença insistente do álcool poderia interagir com outra eventual substância de ordem médica, ocorrendo em envenenamento. Esta problemática soma-se a outra especulação: a de que toda pessoa que consome álcool compulsivamente, quando parar, sofrerá de graves sintomas de abstinência, podendo vir a óbito em função da ausência abrupta da coisa. Pois bem, este último quesito somado com o primeiro é um ponto que, em especial para Fernanda, coloca sempre o bêbado, drástico, sorrindo inutilmente para a morte.

Contudo, com a Dona Terezinha, acontecia uma coisa incrível: se ela precisasse, por dica médica, tomar algum outro “phármakon” de má interação com o álcool, ela simplesmente parava de beber durante os dias necessários. E era para isso que Fernanda solicitava uma “explicação física” (para a ausência dos famigerados sintomas de abstinência).

A rotina básica e resumida de Dona Terezinha era ir à escola o dia inteiro; à noitinha, passar no bar, comprar a sua cachaça e ir para casa; depois, beber e desabar para no dia seguinte começar de novo. Isso em todos os dias do ano, com uma exceção, porém. Durante os 40 dias da quaresma, Dona Terezinha não colocava sequer uma gota de álcool na boca.

Me pergunto, lembrando da maniçoba, quanto (ou como) é preciso escrever para se extrair o veneno das palavras? As palavras escritas carregam em si remédio e veneno: Jaques Derrida (1991) chama isso de *phármakon*. Na escritura, o remédio e o veneno são inseparáveis: em realidade, é diferente da maniçoba – o tempo não está a favor da da escritura porque ela só é presente. O *Phármakon* é um filosofema que refere aquilo que contem em si a vida e a morte, o remédio e o veneno.

Derrida (1991) diz que as traduções para a palavra grega *phármakon* vão acabar escamoteando um sentido originário. Para os gregos a que o autor se refere, o termo carrega imiscuído tanto o valor do remédio quanto do veneno. Perigo e salvação na mesma palavra. Em alguns contextos, o apelo do remédio pode ser mais claro, mas o veneno nunca deixará de estar ali, compondo a substância. E Derrida nos mostra, veremos logo mais, em uma reflexão sobre um texto de Platão, como a ideia do *phármakon* se associa à escrita.

Escritura, maniçoba, álcool. Novamente, um triunvirato de continuidades nesta história. Referências importantes aqui pois dizem daquilo que interage de modo por vezes ambíguo com os sujeitos dessa experiência. Mas nos remontemos ao aeroporto, ao táxi e voltemos ao hotel de Belo Horizonte. Lembrar da maniçoba é válido: sublinhar as continuidades é importante neste trabalho. Para Fernanda, parecia haver uma ausência de continuidade na história em relação a Dona Terezinha, uma lacuna “física” que fazia a enfermeira sentir-se impotente e afastada frente à situação.

É curioso que essa displicência que Fernanda imaginava não se refletiu em uma memória que, ao fim do debate, como um último lembrete importante, ela contou. Certo dia, em um domingo, ela recebera uma ligação: era uma das filhas da Dona Terezinha. Dona Terezinha começara a beber cachaça na sexta-feira e, segundo a filha, a dita não dava sinal de quem ia parar e parecia até que estava revirando os olhos. (Fernanda disse para o grupo que a escutava na roda de conversa que nunca dava o seu número pessoal para as pessoas que ela atendia, este caso era uma exceção). A filha de Dona Terezinha perguntou para Fernanda se

elas tinham que internar a mãe; Fernanda respondeu que aquilo era uma decisão da família, mas que levassem em conta que, quando a Dona Terezinha melhorasse e percebesse que ela estava no hospital e não na escola, ela ia ficar brava. Dona Terezinha não foi internada: no dia seguinte, acordou e foi trabalhar – à noite, estava tomando cachaça de novo.

Fernanda tinha uma vontade de falar, de dizer algo a Dona Terezinha; e, do modo como ela contava, o que acontecia fora da ordem do prescrever estava longe da nobreza de uma ação de cuidado e de sensibilidade. E aqui, em Minas Gerais, lembramos de Curitiba, naquele ônibus em que começamos a pensar sobre a tagarelice e o silêncio nas drogas; e, em Belo Horizonte: o silêncio incômodo de Fernanda.

Negligência lembra “o ato de não fazer”, de omitir-se; talvez o silêncio seja uma forma de omissão da palavra. Mas, nos ensina Blanchot (2010), em um diálogo é justamente essa omissão da palavra de um que proporciona a palavra do outro, o câmbio de interlocutor. Por isso então esta inversão em Curitiba: o que eu disse com “nas drogas não se pode falar” aqui se transmuda em “nas drogas não se pode ficar em silêncio”; lembrando de Fernanda, a quietude pode até ser confundida com negligência profissional. Esse medo de não estar presente parece forçar o diálogo a constituir-se em uma falange contínua, monológica, indo a *uma* direção e vindo de *um* lugar – deixando pouco espaço para fragmentar-se no plural da interlocução.

O silêncio também carrega suas ambiguidades. Como o caso de um outro relato cuja conversa trata sobre a existência dos ininvestíveis em um hospital de Porto Alegre. Pois podemos achar que os ininvestíveis habitam uma geada do silêncio. É notável, contudo, que o silêncio frente aos ininvestíveis não é narrado como negligência profissional, mas sim como um triste fado. Vejamos.

De onde vêm os ininvestíveis?

Em Porto Alegre, participo de um coletivo de educação permanente em drogas chamado Rede Multicêntrica. A Rede Multicêntrica proporciona cursos onde se pode debater o tema das drogas, da redução de danos e das políticas públicas. E também, em Porto Alegre, de modo parecido com o Caminhos do Cuidado, posso estar em contato com esses debates de trabalhadores sobre o tema das drogas. Foi em um curso da Rede Multicêntrica que um grupo de profissionais de um hospital local disse dos pacientes “que não se investe mais”.

O ininvestível carrega um desmerecimento e uma presença – um imbricamento do biopoder (FOUCAULT, 2011). Este personagem está frente a um atendimento de saúde, está ali, com o corpo sondado em uma instituição que faz circular a palavra de que nele não se investe, de que a ele se é indiferente, de que nele não há força que se queira mais pôr. O fazer morrer e o deixar viver se confundem. O ininvestível é aquele sujeito que está em tal grau de degradação e que já foi tentado de tudo para que ele deste estado saísse; e que é preciso, por força e como que por esgotamento de opções, digamos, deixar morrer. E, mesmo assim, ele está ali, *sendo desinvestido* no hospital, o lugar de excelência para se fazer viver. Um imbricamento do biopoder: forçado a viver, deixado para morrer.

O ininvestível não é negligenciado, ele não é esquecido e o hospital ocupa-se dele. O discurso “daqueles que não se investe mais” é encontrado em um umbral onde as palavras são sempre as mesmas, onde seus atos contados são previsíveis e incontroláveis – indignos de investimento. O ininvestível está alocado em um silêncio que não pede movimento, em uma espécie de “já dito” que não dá necessidade de dizer mais; participa de uma fala que quando vê a abertura do estranho e do novo, se cala.

Esta reflexão sobre o ininvestível deve ser levada em consideração não apenas para agregarmos complexidade ao que chamamos de silêncio, mas também para caracterizar esse espaço da Rede Multicêntrica, onde também se conta e se problematiza muitas histórias sobre drogas.

A Rede Multicêntrica e o Caminhos do Cuidado expuseram este pesquisador a uma ampla e variada rede de lugares e de pessoas conversando sobre o tema das drogas. Não quaisquer pessoas, sim trabalhadores de algum sistema público. Mesmo com essa última constante, o que ocorre é uma verdadeira dispersão, uma desconcentração, uma diáspora de histórias. Um alongamento da experiência. E esse alongamento é importante para a narrativa. Para Walter Benjamin (2012), essa distância vai ser uma característica do narrador; o narrador contem o longínquo, é um viajante, um constante forasteiro - ou é uma pessoa muito velha, que leva o mistério da experiência nos seus anos vividos.

3. 1 O QUE CATAR? (A INVENÇÃO SOBRE O ARQUIVO)

Foucault (2012d) fala sobre o que ele escolherá chamar de vida dos homens infames. Neste texto, *A vida dos homens infames*, Foucault descreve um arquivo com o qual ele escolheu se ocupar. O quê em tais ou quais registros fez com que se quisesse olhar para eles. Registros que se caracterizam por ter surgido depois de dois séculos de silêncio. Vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas palavras que as abateram, diz Foucault. No meio de documentos, notificações, esse autor diz ter procurado personagens obscuros que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro.

As histórias do Caminhos do Cuidado e da Rede Multicêntrica são cheias de personagens destinados a passar sem deixar rastros. Rastro é o signo de uma ausência. Apaguem os rastros! Nos aturde o poema de Bertold Brecht (2000).

Foucault diz, da vida dos homens infames, que a raridade e não a prolixidade faz com que real e ficção se equivalham. Fragmentos de pura existência verbal. Mas “fragmentos de discurso carregando os fragmentos de uma realidade da qual fazem parte.” (FOUCAULT, 2012d, p. 202-203). O fragmento não como a parte de um todo, mas contendo o todo. “Relatos que não mais existem senão através das poucas palavras terríveis que eram destinadas a torná-los indignos para sempre da memória dos homens.” (FOUCAULT, 2012d, p. 206).

Inspirados nesse movimento de investigação foucaultiana, pensamos em dizer o que nos atraiu para essa ou aquela história (eis um desafio). Foucault fala de um embaraço e de uma certa poesia que fez brilhar alguma coisa ou outra. Em dado momento do texto, o autor lista algumas “regras simples” que ele diz ter se imposto:

- que se tratasse de personagens tendo existido realmente;
- que essas existências tivessem sido, ao mesmo tempo, obscuras e desventuradas;
- que fossem contadas em algumas páginas, ou melhor, algumas frases, tão breves quanto possível;
- que esses relatos não constituíssem simplesmente histórias estranhas ou patéticas, mas que de uma maneira tivessem feito parte realmente da história minúscula dessas existências, de sua desgraça, de sua raiva ou de sua incerta loucura;
- e que do choque dessas palavras e dessas vidas nascesse para nós, ainda, um certo efeito misto de beleza e de terror. (FOUCAULT, 2012d, p. 201-202).

Obviamente, não faz sentido para nós simplesmente importarmos essas regras que esse importante interlocutor escolheu. Trata-se aqui, nitidamente, de um outro contexto. Mas há vetores comuns. Essas regras, Foucault diz ter se imposto com o intuito de “reencontrar alguma coisa como essas existências-relâmpago, como esses poemas-vida.” (FOUCAULT, 2012d, p. 201).

Por isso, a importância de nos ocuparmos em narrar as experiências com a Rede Multicêntrica e com Caminhos do Cuidado. Aqui, vindo desses lugares, dos hotéis, dos táxis, das viagens, chamou-nos à vigília histórias que também nos servem para pensar em existências obscuras e desventuradas; também que são breves; que carregam uma incerta loucura (se dando nas extravagâncias com as drogas); e que disso, em fragmentos, pudessem vir sensações um tanto díspares. Colocando um problema em perspectivas que se entrelaçam as políticas públicas, o *phármakon*, os acontecimentos ínfimos e o jogo com o silêncio.

E que o encontro com essas histórias tenha sido algo como uma turbulência; essa queda repentina, essa impotência perante a máquina da qual dependemos até que estejamos no solo. Mas da qual dependemos o voo inteiro, e isso nos pasma apenas quando achamos brevemente que o avião vai cair.

4 O BIOPODER E A ERRÂNCIA PHARMAKOLÓGICA NAS MÁQUINAS DE FAZER VIVER

Hino à Beleza

Vieste do céu mais profundo ou do abismo saíste,
Ó Beleza! O teu olhar, infernal e divino,
Lança confusamente o bem que há o mal que existe,
E, por isso, se pode comparar-te ao vinho.
Nos olhos tu conténs a aurora e o ocaso;
Despejas teus perfumes qual noite chuvosa;
Os teus beijos são filtro e tua boca um vaso
Que fazem frouxo o herói e a criança corajosa

Sais do abissal negrume ou descendes dos astros?
Como um cão o Destino a tuas saias se apega;
Tu semeias ao léu alegria de desastres,
E tu governa tudo e a responder te negas.

Caminhas sobre os mortos, Beleza, faceira;
Das tuas joias o Horror não é a menos atraente,
E o Assassínio entre as peças de primeira.
Sobre o teu ventre altivo dança amavelmente.

A efêmera ofuscada vai a ti, candeia,
Crepita, inflama e diz: Esta tocha bendigo!
O amante zozzo sobre a bela cambaleia
Parece um moribundo de sua tumba amigo

Venhas tu dos infernos, do céu, pouco importa,
Beleza! Monstro enorme, espantoso, inocente!
Se o teu olho, o sorriso, o pé, me abrem a porta
De um infinito que amo e nunca fui ciente?

(BAUDELAIRE, 2011)

Estas estrofes do poeta francês introduzem de modo, digamos assim, temático uma discussão sobre nosso problema. Suplementar a isso, também pode nos alçar a questão da tradução (que é chave par algumas reflexões). Os leitores mais rigorosos notariam, logo de cara, que este poema foi originalmente escrito em francês e aqui trata-se de uma tradução (aliás, o tradutor é Mário Laranjeira). Pela internet encontramos outras múltiplas traduções

deste poema. Utilizei aqui a que conheci primeiro e que é a que mais me afeiçoei. Mas, curiosamente, essa busca por outras traduções deu-me outro sentido para uma passagem do poema que eu não entendia, achava meio misteriosa; e que aglutina muito da nossa discussão.

Esta:

“A efêmera ofuscada vai a ti, candeia,
Crepita, inflama e diz: Esta tocha bendigo!”

Uma tradução de Fernando Pinto Amaral (2014) diz:

“O inseto, deslumbrado, procura-te a chama,
Arde, crepita e diz: Benzamos essa Luz!”

Outra, de Ivan Junqueira (2014):

“A mariposa voa ao teu encontro, ó vela,
Freme, inflama-se e diz: “Ó clarão abençoado!”

Uma ainda, de Delfim Guimarães (2014):

“A mariposa voando ao teu encontro ó vela,
“Bendito este clarão!” diz antes que sucumba

Tudo a ver: A beleza suplementar ao terror; vida, morte, a sedução; a tradução. Enfim, o *phármakon*.

4.1 DROGA, PHÁRMAKON (EM BUSCA DO PHÁRMAKON PERDIDO)

Phármakon: aquilo que contém o remédio e o veneno; a vida e a morte agenciando uma a outra. Para contornar essa palavra grega, *phármakon*, Jaques Derrida (1991), na obra *a Farmácia de Platão*, trabalhará a escritura como um *phármakon*; a escritura como remédio e veneno. As traduções por vezes incorrerão em grosseria ao tomarem o termo *phármakon* ora por remédio ora por veneno.

A base que o autor dá pano a essa reflexão é a obra de Platão (2009) “Fedro” - que é a disposição de um diálogo entre Sócrates e Fedro. Ali, em dado momento, Sócrates evoca um mito sobre o deus da escritura. Derrida (1991) chega a fazer uma bela descrição das simbologias que envolvem esse mitema inventado por Platão. Vai até as intrigas dos desuses egípcios para chegar até Theuth, que é o nome a que Sócrates se refere, o deus da vida e da morte, deus da escritura.

Eis o deus da escritura, o deus do *phármakon*, que na mitologia egípcia é um deus que “interessa-se menos pela vida ou pela morte do que pela morte como repetição da vida e pela vida como repetição da morte, pelo acordar da vida e pelo recomeçar da morte” (DERRIDA, 1991, p. 38). Esse deus, em uma passagem do mito platônico sobre a escrita, oferece a arte da escritura como presente para o Rei Thamus, dizendo (na tradução corrente): “Eis aqui, ó Rei, um conhecimento que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos e mais aptos para se rememorar: memória e instrução encontram o seu remédio.” (DERRIDA, 1991, p. 21). Aqui está: em grego, a memória e a instrução encontram o seu *phármakon*.

A tradução de *phármakon* por remédio não é de todo modo inexata. Sempre há o apelo contextualístico. Entretanto, Derrida diz que “*remédio* torna explícita a racionalidade transparente da ciência, da técnica e da casualidade terapêutica, excluindo assim, do texto, o apelo à virtude mágica de uma força à qual se domina mal os efeitos.” (DERRIDA, 1991, p. 44).

Peça por peça, o autor nos expõe à escritura como *phármakon*. Essa força que se domina mal os efeitos. E quando falamos em dominação de forças, já que lemos Michel Foucault, pensamos em relações de poder.

Este trabalho trata de coisas políticas. A origem da palavra política refere-se à polis grega; aquilo que é cidade, urbano, público (BAPTISTA, 2012). E para contornar melhor o que chamamos de “político”, evocaremos os trabalhos de Michel Foucault e seus estudos sobre o biopoder (e aqui, a noção de *phármakon* entraria apenas para nos confundir).

No biopoder (FOUCAULT, 2011), a morte e a vida tomam lugares distintos. A clareza entre o *fazer viver* e do *deixar morrer* é a marca do biopoder. Para os soberanos, antes do século XVII e XVIII, o poder era exercido pelo direito de fazer morrer; era o modo de o soberano defender-se de alguma ameaça ao seu poder.

O velho poder do soberano se caracterizava por *deixar viver* e *fazer morrer*. Ou seja, neste sentido, antes da modernidade não havia uma *ação* do estado *sobre* a vida, mas sim maiores movimentações apenas quando este entendia ter de interrompê-la, utilizando-se do mecanismo do fazer morrer.

A vida é algo já corrente para o soberano; ele a *deixa* e ela segue seu curso. Para o estado moderno a vida não parece algo corrente, é preciso, fazê-la, incitá-la – até seus limites

máximos aliás, como a vida vegetal mantida em funcionamento mediante as técnicas de reanimação da vida consciente nos hospitais. O biopoder não deixa viver, ele faz viver.

Na modernidade, Foucault (2011) clamará o advento de um biopoder, pelos quais os mecanismos de poder do estado tornam-se agenciadores da vida; na passagem do poder soberano para o biopoder há uma inversão simétrica: o que para o soberano era deixar viver e fazer morrer, o moderno biopoder ocupar-se-á em fazer viver e deixar morrer. Engendra-se a estatização do biológico.

As traduções nunca são alijadas de contexto. Em tempos de biopoder, a ideia de *phármakon* tem dificuldade em encontrar um ninho na língua; nas traduções, no decorrer dos ajustes biopolíticos, ocorre um bifurcamento no caminho da vida e da morte. Esse é o ponto. A evocação partidária das duas opções é precisamente onde a ideia de *phármakon* incide certa confusão que nos interessa.

Nenhum manual médico de respeito negará que suas drogas industrializadas para combater a morte, em dada medida, podem ser letais. Sabemos que, oficialmente, as drogas podem fazer bem e fazer mal. Assim, talvez questionaríamos a originalidade e a conveniência da ideia do *phármakon* neste trabalho, e que no nosso português há até uma palavra foneticamente muito parecida com aquela palavra grega: fármaco. Mas a ideia do *phármakon* não é a mesma da do fármaco – fármaco sempre será remédio. E veja, por uma questão de biopoder, quando precisamos de insumo para matar ratos, não vamos a farmácia¹. A ideia de *phármakon* embaraça os territórios.

O que sublinhamos aqui é a *pertinência em explicitar* alçada ao nome: a demanda e, junto com ela, a invenção do saber posto na cultura sobre o quê e qual dose constitui a linha cirúrgica que barra o veneno quando o remédio começa.

A vontade de saber nas drogas: ou a verdade da vida ou a verdade da morte. No biopoder se torna crucial gerir a clareza e a transparência de sentido entre os polos. E quando procuramos o que se conta sobre as pessoas que usam drogas, este tipo de posicionamento nas narrativas sobre as vidas, incansavelmente, estará lá como uma eterna epígrafe das histórias de existências desventuradas.

1

Para os gregos, aquele que manipula o *phármakon* (o *pharmakeús*) também é um envenenador.

E essa vontade de saber onde está a vida e onde está a morte torna o phármakon um elemento extraviado na biblioteca da língua. Em busca do phármakon perdido, usamos eventualmente o termo phármakon (como uma risível estratégia) para nos referir a drogas. Se fôssemos emparelhar as drogas às ambiguidades da beleza a que o poema de Baudelaire se refere, não encontraríamos eco no discurso hegemônico, onde deparar-nos-íamos basicamente com uma verdadeira tagarelice sobre “o bem que há e o mal que existe”. O phármakon mexe com essa ideia, e a sua destilação por remédio é pura alquimia biopolítica.

Voltemos ao mito platônico e à tradução de phármakon para remédio no que concerne à escritura. Naquele mito sobre o deus da escritura, é dito que a escrita é um phármakon da memória.

Sobre o phármakon como escritura, Derrida (1991) nos diz em profundidade:

Sabendo que pode confiar ou abandonar seus pensamentos ao fora, em consignaço, às marcas físicas espaciais e superficiais que se dispõe, por inteiro, sobre uma plaqueta, aquele que dispuser da tekhné da escritura repousará sobre ela. Ele saberá esquecê-los sem que eles abandonem seu serviço. Eles o representarão, mesmo que ele os esqueça, eles levarão sua fala mesmo que não esteja mais lá para animá-los. Mesmo que esteja morto, e só um phármakon pode deter um tal poder sobre a morte, sem dúvida, mas também em conluio com ela. O phármakon e a escritura são, pois, sempre uma questão de vida ou de morte. (DERRIDA, 1991, p. 52).

Retomemos o biopoder. Neste, o conluio do phármakon com a morte será tratado como traição; o veneno e a morte serão dados ao exílio do poder estatal. Apesar de algumas drogas, como se se neutralizassem por acarretarem o pagamento de impostos, se darem como benfeitoras inocentes, relaxantes, salvadoras, sociáveis: e a elas, a tradução por bálsamo será bem-vinda. Esse ostracismo da morte é o pretexto para um tríplice filtro² de dicotomias: bem/mal, vida/morte, legal/ilegal - dicotomias que não nos restringem apenas pela sua dualidade, mas também pela sua hierarquia.

Foucault (2002) nos mostra que a manifestação do biopoder vai se dando conforme certa desqualificação progressiva da morte. O autor nos lembra que a partir do século XVIII foi-se apagando, pouco a pouco, a ritualização pública da morte; a morte vai “deixando de ser uma daquelas cerimônias brilhantes da qual participavam os indivíduos, a família, o grupo,

² Filtro, aliás, é uma tradução aceita para phármakon.

quase a sociedade inteira” (FOUCAULT, 2002, p. 294) para, então, ser aquilo que se esconde, se tornando a coisa mais privada e mais vergonhosa³.

Os procedimentos de poder não cansam de se afastar da morte. Já a vida, ainda na modernidade, passa a ser, nas palavras de Michel Foucault, “a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível.” (FOUCAULT, 2011, p. 158). É interessante que não nos esqueçamos como Michel Foucault (2002) marca que o argumento da vida (ao qual estamos pareando o argumento do remédio) dá margem a todo um paradoxo. Isto é: em tempos de se fazer viver, nunca houve guerras tão sangrentas. E mais: o racismo opera sem problemas nas engrenagens biopolítica; em cima disso Foucault cita o estado nazista como o paroxismo do biopoder.

*

Aqui segue uma narrativa, que também é um fragmento de diário do Caminhos do Cuidado, que chamei de O paradoxo do político estrangeiro

Quantos canos. Quantos postes, quantas estradas... E em cada lugar as pessoas morando e alimentando seus hábitos.

(o hotel que escolho (pelo preço e pela pressa), chama-se Hotel Colonial. Maldita ironia. Ironia porque venho de fora com a missão de concretizar uma política de governo; e “maldita”, porque penso que sou amigo.)

No caminho viajando para o interior com um carro público, olhando pela janela, muitos pensamentos me ocorreram:

Quantos ímpetos ancestrais. Vastos como a noite. Motores grotescos e cheios de potência conquistam o espaço. Asfaltos velhos e esburacados. Postos de gasolina com cara de abandono. Os postes de luz conectam os vilarejos, basta segui-los (como se estivéssemos perdidos e deparássemos com um rio) para encontrar agrupações humanas.

Chegamos no local que havíamos mirado. É um pequeno município localizado no interior de Roraima. Viemos para sentir o curso acontecendo em lugares distantes dos

³ Walter Benjamin (2012), naquele texto sobre o narrador, diz exatamente assim: “Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as medidas higiênicas e sociais privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte”.

grandes centros. As aulas aqui acontecem no prédio de uma universidade que parece pouco movimentada. Na sala de aula, há alguns cartazes decorrentes de outras atividades que acontecem às mínguas no local. Imagino que aqui devam existir aulas de português. Há um cartaz inocente fixado na parede com uma sentença total:

“Não existe erro linguístico.

O que há são inadequações de linguagem que consistem não no uso de uma variedade, em vez de outra, mas no uso de uma variedade em vez de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala”.

Não sei se eu entendi direito. Parece uma charada. Fico embaraçado sem ninguém perceber.

4.2 O FAZER FALAR

Falar que não existe erro linguístico é produzir este erro. Talvez o que tenha constrangido o político estrangeiro foi imaginar que ele podia estar falando *errado* caso as regras sociais não abonassem aquela forma de fala. O que o cartaz diz, mesmo que negando, é que há uma tradução, uma equivalência possível, de *variância* para *erro*. O que escutamos aqui é uma música, em volume baixo, cujas notas poderiam ser: *diferença, variância, inadequação, erro, continuidade e fascismo*.

Mas não nos distanciemos, é sobre o fazer falar que queremos tratar. E para proteger a vida muito se fala. Há uma tagarelice.

O projeto Caminhos do Cuidado proporcionou contato com profissionais de diversos estados do país. Nas conversas, era comum que as pessoas falassem sobre questões acerca das drogas e suas interações com as políticas locais. Muitos profissionais referenciavam secretarias específicas de seus estados ou municípios que não se conhece em todos os lugares do país; muitas com nomes variados e curiosos, mas todas comunicadas por um fio contínuo - ter as drogas ilícitas como um inimigo público. Em Rondônia e em Alagoas, por exemplo, essa secretaria chama-se SEPAZ - secretaria da paz.

Sepaz. Aí então pensaríamos: do que se ocupa uma “secretaria da paz”? Neste caso, do combate às drogas.

Já na Guatemala também há uma SEPAZ (secretaria de la paz); sua missão, todavia, é diferente dessas brasileiras. No seu site institucional podemos ler: “Somos la Institución que coordina, asesora e incide en la formulación de políticas, planes y proyectos de la institucionalidad del Estado para el cumplimiento de los compromisos de los Acuerdos de Paz” (SECRETARIA..., 2014). As linhas que aqui triangulam Rondônia, Alagoas e a Guatemala não se dão apenas neste sagaz homônimo, SEPAZ, mas se aliam também, e em especial, pelo fator comum que dá força e origem a elas: a proteção da vida.

Seguir a pista da tagarelice nos fez notar como os governantes estavam se ocupando fortemente das drogas enquanto um problema para a população. No Brasil, além das secretarias da paz há outras muito parecidas, como Secretaria especial de Prevenção à Dependência Química, do estado do Rio de Janeiro

Em Minas Gerais, há um programa chamado Aliança pela Vida. Este prevê que os órgãos públicos destinem até 1% de seu orçamento para um fundo (que chegou a acumular R\$71 milhões de reais). Querendo entender como funcionava tamanho investimento, me foi resumido que a maior parte é para pagar tratamentos baseados em segregação, abstinência e religião.

Vemos o tema se espalhar de modo uníssono pelos mais diversos espaços das técnicas de governo.

Há uma obesa falação sobre drogas. Na mesma obra em que Michel Foucault (2011) traz pela primeira vez a ideia de Biopoder, em “A História da Sexualidade I: a vontade de saber”, o autor, nos capítulos primeiros, fala sobre a abordagem do dispositivo da sexualidade, colocando em questão a importância do falar sobre sexo. Foucault nos leva para o capcioso ponto de que o fazer falar, no caso da sexualidade, era mais próximo a uma estratégia de controle do que um fazer falar que, mais tarde, o autor chamou de parresiástico, o falar francamente - ligado à ética do cuidado de si.

Aquela falação sobre drogas não é apenas obesa, ela é constante. Exerce um papel de continuidade, se alicia em generalizações e estereótipos com explicações para acontecimentos descontextualizados. E se espalha. Mesmo em lugares longínquos um do outro, parece se tratar de algo que as distâncias não interrompem. Em Goiás, certa vez, em um curso de tutores do Caminhos do Cuidado, uma pessoa que trabalhava como enfermeira em um posto de saúde contou orgulhosa uma história da sua intervenção de prevenção às drogas. Ela contou que fez

um trabalho em uma escola que foi muito interessante; disse que havia se fantasiado de “drogado” para as crianças verem como era feio: maquiou-se como se estivesse suja, colocou uma roupa rasgada e uma touca; ela contou, com foco, que os alunos ficaram com medo dela. Apesar de ela entender sua intervenção como bem sucedida, falou como se sentiu mal quando as crianças não quiseram mais chegar perto dela.

Foucault (2011) problematiza um discurso sobre dada repressão acerca de se falar sobre o sexo, coloca em xeque a necessidade de se falar mais sobre sexo nas escolas, na família, no trabalho, nas clínicas; e diz que, em verdade, já muito se fala sobre o tema. A questão é que a força nos problemas do falar sobre sexo não consiste em uma censura, mas mais em “uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos.” (FOUCAULT, 2011, p. 39).

Ainda sobre o *phármakon*; dessa vez, contudo, com um fragmento de Roland Barthes.

Barthes (2012), no texto “A guerra das linguagens”, para falar de uma guerra que há na língua, descreve um passeio em que ele se dá ao encontro com diferentes placas coladas nas casas de um certo bairro no interior da França dos anos 70. Placas distintas mas que poderiam ser lidas pelo transeunte com uma mesma mensagem: não entrem, caso contrário serão mordidos. Nas placas lê-se : “cão bravo”, “cão perigoso” e “cão de guarda”. O contexto, as ruas em que ele passeia, trata-se de uma ascensão da propriedade privada, diz o autor - cães protegendo com palavras diferentes. *Phármakons* com diferentes efeitos que Barthes dimensiona pelo clima de grandes privatizações da vida.

E há algo de atroz nesses cães; nesses que se usa para proteger casas.

Dizemos isso como ensejo para outra pequena trama envolvendo biopoder, *phármakon* e cachorros. Certa feita, nos narra Petuco (2007), em uma escola localizada na região metropolitana de Porto Alegre, ouviu-se que havia alunos usando drogas. A medida tomada pela gestão local foi de instaurar um cachorro farejador para identificar drogas entrando na escola (seria uma ironia tamanha se este cão pudesse farejar todo e qualquer tipo de *phármakon*, como as escritas nos cadernos e nos livros).

Essa situação denota o caráter de excesso, de invasão, até mesmo de terror que um forte discurso sobre as drogas faz enquanto mensagem.

O Caminhos do Cuidado e a Rede Multicêntrica fazem parte do programa Crack é

possível vencer (OBSERVATÓRIO, 2014) - que é uma réplica pesada para o que se entendeu como um problema grave. Esse programa, coordenado pelo ministério da justiça, foi lançado em dezembro de 2011, veio como uma resposta federal a um efusivo murmúrio sobre o crack. O programa se posicionou frente ao que muitos chamaram de “epidemia do crack”. Além das secretarias especiais para drogas supracitadas, há também em muitos estados, comissões, departamentos, GTs espalhados pelo país falando sobre isso. Nós acessamos um arquivo de uma subcomissão da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul chamada “subcomissão contra o crack” (COMISSÃO..., 2011). Neste documento, há o relatório de seminários e audiências públicas que se desencadearam por este estado em certo período precedente ao programa Crack é Possível Vencer. Ali está registrado que no dia 19 de agosto de 2011, em uma audiência pública em um município do interior, o prefeito afirmou considerar o tema de grande responsabilidade e um desafio; esse prefeito, citamos o relatório, “lembrou a proposição de uma lei pela OAB, aprovada pela Câmara de Vereadores, que mudou o nome da droga de *crack* para *pedra da morte*.” (COMISSÃO..., 2011, p. 54, grifo nosso).

Há uma chamada publicitária em “crack, é possível vencer”. Com as nossas reflexões até aqui, podemos pensar que soaria meio ridículo dizer: “phármakon, é possível vencer”. Crack, é possível vencer, faz falar um modo específico, coerente com uma aparelhagem que defende a vida; e que para defender a vida, pintará a morte como inimiga última, e nunca como seu gládio causador – como o faria o soberano. Se o Crack é a morte, acreditemos: é possível vencê-la.⁴

Façamos um exercício. Imaginemos que, daqui séculos e séculos, eruditos gregos de um futuro impossível decidam estudar alguns programas políticos brasileiros do início dos anos 2000 (D.C.); esses seguintes gregos talvez traduzam a palavra “crack” por “phármakon” – phármakon, é possível vencer.

Biopoder: a sobreposição da vida sobre a morte, a vida dá margem para a mandíbula

⁴ Ocorre que é preciso vencer essa ameaça da morte; e se o perigo é da ordem da epidemia, por conseguinte, é mister impedir seu contágio. Assim, é difícil não pensar nesse lugar sequencial que ficam então as pessoas que usam crack – ocorre como que a produção de uma raça – os crackeiros. O racismo, diz Foucault (2002), “assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida que ela é membro de uma raça ou uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva.” (FOUCAULT, 2002, p. 308).

do cão entrar nas mochilas dos jovens estudantes. O biopoder dá acesso ao corpo, diz Foucault (2011).

O poema Hino à Beleza, citado no topo deste capítulo, está incompleto. Falta uma última estrofe que convém agora expor, em especial pelo seu enigma ético.

Satã ou Deus, que importa? Anjo ou Sereinha,
Que importa se tu tornas - fada olhos de veludo,
Ritmo, perfume, luar, ó minha só rainha! –
Menos feio o universo e leve os minutos? (BAUDELAIRE, 2011).

5 A SOBRIEDADE DE UM SOLDADO: O TERRORISTA

É impossível deter os sonhos.

Quando Domi tinha treze anos, a ditadura civil militar brasileira colocava seus dedos gelados no entorno dos pescoços. As tentativas de enforçar ideias faziam força para circular vontade de futuro. Falava-se muito de sonhos; sonhos e sonhos.

Era desenhado no ar um mundo outro, com jardins.

Domi tinha um grande sonho: queria ser terrorista. Já havia se informado e contatado alguns grupos que lhe poderiam fornecer auxílio na sua busca.

Até o dia em que fumou seu primeiro baseado. “Aí eu vi que a minha bomba era outra”, conta sorrindo, e acrescenta dizendo que poucos sabem como a maconha salvou esse país. (SIQUEIRA, 2013).

Domiciano Siqueira (2013) narrou isso em um encontro organizado pela Rede Multicêntrica em 2013. Esse evento se propôs contar histórias e causos de redutores de danos. Evento que surgiu a partir de uma necessidade que o grupo notava de se retomar uma história que tem muito a nos ensinar sobre as drogas e sobre os governos. Nos percursos da Rede Multicêntrica e do Caminhos do Cuidado, tive o privilégio de estar trabalhando junto a redutores de danos. Mas não do modo que conhecemos como trabalho de “campo”, foi mais no sentido de ouvir histórias enquanto colega educador. Percebi que esses amigos eram contadores de histórias. Em eventos de reflexão sobre drogas, as pessoas que tem suas conferências assistidas pelo público costumam ser guiadas por suas áreas técnicas: falam da escuta, dos neurônios, da história, do direito. Notei que quando, nesses eventos, o convidado era um redutor de danos, este nunca deixava de contar uma história, de falar de coisas que havia lhe ocorrido.

Os redutores de danos que conheci são contadores de histórias.

5.1 LEMBRANÇAS DE REDUÇÃO DE DANOS

Tadeu de Souza (2007) contando uma história da redução de danos em sua dissertação *Redução de Danos no Brasil: a clínica e a política em movimento* aponta que as drogas, no Brasil, representaram um eixo duro na última passagem do estado totalitário pra o Estado

Democrático de Direito. A redução de danos parece ter representado um campo de tensionamento de forças nesse caminho.

Lembremos: a redução de danos surge no Brasil pela via da aids como condição de possibilidade, a partir das trocas de seringas descartáveis – assim ela é primeiramente reconhecida.

Em uma experiência de gestão pioneira no município de Santos, houve um início conturbado. Em 1989, os gestores da área da saúde deste município, sofreram uma ação criminal por terem adotado a “estratégia de troca de seringas” (que apenas mais tarde se viria a chamar de “redução de danos”). Foram enquadrados no mesmo artigo de acusação por tráfico de drogas: “facilitar o uso de drogas” e “comercializar” tinham a mesma punição (interpretou-se que o trabalho desses gestores contribuía para que as pessoas usassem drogas com menos dificuldades).

Nessa época, o vírus do HIV era bastante fatal. A redução de danos, podemos pensar, pode ser dita de um jeito que a evidencie enquanto uma estratégia para situação excepcional, emergencial (e por emergência, neste caso, nos referimos a iminência da morte) – por isso, em um senso comum, é tão facilmente identificada com a mecânica da troca de seringas. Mas mesmo aí, há um conflito: alguns se questionam “como salvar a vida ajudando a administrar o veneno?”. E o que vemos é que a redução de danos, mesmo em sua polissemia de significados, é uma estratégia de intervenção ou filosofia de vida que por vezes não será acolhida nem mesmo se tratando, em sentidos de biopoder, de uma emergência.

Já percebemos que há caminhos narrativos estereotipados pré estabelecidos dentro de certo modo de contar as histórias que envolvam pessoas que usam drogas. Como os dados viciados. E isso responde, em parte, por que vemos certa variância de sentidos para redução de danos. A redução de danos, podemos contá-la dentro de uma lógica em que substituições e diminuições se sobreponham a novas significações; podemos até dizer que é incentivar o uso de drogas. O que Domi faz é compartilhar uma história: ele não substitui o terrorismo pela maconha, simplesmente; mas, a partir do dia que ele fumou seu primeiro baseado, conta que perdeu a vontade de ser terrorista.

*

Algo que soa silenciado em relação às drogas livres de impostos é a sua potência

produtiva, a enunciação das positivities do uso dessas drogas vemos rarefeita aos cantos dos bares, motéis, casas abandonadas, ruas pouco movimentadas, festas e outros espaços de testemunhas fiéis à contravenção. Por isso talvez, um sentido muito comum que se pode imaginar da redução de danos está bastante presente em estratégias que argumentam unicamente o estancamento da morte. Sérgio Alarcon diz, contudo, que há um risco em levar ao pé da letra a crença hegemônica de que, em relação às drogas, só nos restam ações de redução de danos, como se ao uso de drogas correspondesse, necessariamente, o dano.

Recorramos à questão da tradução abordada no capítulo anterior e nos espriamos novamente por outras fronteiras linguísticas. O termo “redução de danos” fala também de um território; em Portugal se fala “redução de riscos”, assim como na Espanha se diz “reduccion de riesgos”. Em inglês: “harm reduction”.

5.2 ENTRE IMAGENS E PALAVRAS

O circuito discursivo que enfatiza as drogas como algo mau por si só é bastante estridente (já dissemos isso no texto anterior, mas aqui reforçaremos os argumentos). Dênis Petuco (2011), na premiada dissertação “Entre Imagens e Palavras: o discurso de uma campanha de prevenção ao crack” nos aponta e denuncia muitas imagens produzidas por mídias de grande circulação que se ocuparam recentemente com força de campanhas de prevenção ao uso crack. Essas imagens, nos mostra Petuco (2011), apontam para a construção do usuário de crack como uma figura monstruosa e perigosa, capaz de prejudicar e/ou fazer sofrer as pessoas que os cercam. O enlaçamento de um modo específico e intenso de fazer falar de subjetividades de usuários de drogas.

Campanha é um termo derivado de “campo”. O dicionário (DICIONÁRIO..., 2015) nos diz que campanha é um campo caracterizado pela ausência de cercas; campanha também significa “expedição militar”. De uma dessas campanhas sobre o crack (e, aliás, campanha é um termo fortemente biopolítico) que ficou muito conhecida em especial nas regiões do Brasil de cobertura do grupo RBS, recortamos aqui a fala “em off” que introduz uma cena televisiva. Vamos assisti-la (CAMPANHA..., 2015): “prepare-se para ver imagens chocantes e de forte impacto emocional, mas, por favor, não retire seus filhos da sala”, diz uma voz masculina grave. Neste momento, na tela, aparecem imagens de pessoas que poderiam muito bem ter

sido produzidas com inspiração em um exemplo de dicionário médico; vamos dar um pause na cena de imagens chocantes e olhar a descrição deste dicionário, que nos ajuda a ver o que aparece aos nossos olhos:

Esse rapaz estava no marasmo mais completo, sua vista tinha decaído inteiramente. Ele satisfazia onde quer que estivesse as necessidades da natureza. Seu corpo exalava um odor particularmente nauseabundo. Tinha a pele terrosa, a língua vacilante, os olhos cavos, as gengivas todas retraídas e coberta de ulcerações que anunciavam uma degeneração escorbútica. Para ele, a morte era o termo feliz de seus longos padecimentos” (FOUCAULT, 2001, p. 301).

Olhemos as imagens na tela: a citação do dicionário é precisa na descrição das figuras humanas que ali aparecem. Algo de curioso nisso é que a referência do documento que acabamos de utilizar é de um dicionário médico do século XIX descrevendo um masturbador. É utilizada por Michel Foucault (2001) no curso Os Anormais.

*

Antes desse trabalho sobre os anormais da história, Foucault (2011) escrevera a História da Sexualidade I. Retomemos a ideia do excesso e da organização dos silêncios por meio de uma incitação do discurso. Ele se introduz na História da Sexualidade I falando da incitação dos discursos sobre o sexo.

Foucault (2011), de maneira interessante, aborda um livro de autoria anônima publicado no final do século XIX - *My Secret Life*. O autor dessa obra diz consagrar a vida quase inteiramente à atividade sexual, e narra com extrema meticulosidade cada um de seus episódios. Foucault, nos faz pensar que o extravagante do livro não seria o conteúdo impudico, mas o fato de alguém escrever tão exaustivamente sobre isso.

Talvez, grosseiramente, poderíamos brincar com essa situação literária a que Foucault nos remonta; lembremos de um livro relativamente famoso em nossa cultura, ao menos seu título é muito conhecido: *Cristiane F. treze anos: drogada e prostituída*. A palavra “drogada” evoca aqui um rumor narrativo; neste lugar, parece querer fazer coro a certo apelo dramático de uma vida de treze anos de uma menina que se prostitui. Tal como o título deste capítulo poderia chamar-se: “*Domi: 13 anos, drogado e terrorista*”.

Para Foucault (2011), a regulação do sexo se dá muito mais pela via da articulação dos

discursos uteis e públicos do que pela ordem de uma repressão ou um proibicionismo estatal.

Nas drogas, o proibicionismo estatal tem uma dimensão tal, que toma a força das escrituras legislativas. Ali não se trata apenas de proibir, mas de definir papéis: vemos que os debates governamentais sobre as leis de drogas giram basicamente dentro das esferas “usuário” e “traficante”.

Andemos brevemente pela escritura da lei brasileira.

A antiga Lei de Entorpecentes (BRASIL, 1976) que criminalizou o tráfico e fez punir o porte para uso pessoal já traz essa polarização supracitada; essa lei, tendo sua concepção durante a ditadura civil-militar, esteve vigente por 30 anos no Brasil, de modo que apenas em 2006 se criou a nova Lei de Entorpecentes (BRASIL, 2006). Esta última, ainda carrega uma importante diferença quanto ao trato acerca de quem é enquadrado como usuário de drogas ou como traficante. O primeiro ato é tido como uma infração, não implica mais em prisão; já ser traficante é considerado crime hediondo e inafiançável. Essa aliança no grau de punições é interessante, pois é fruto de uma lei de 2006 que, em relação a sua precedente, afrouxou as penas para usuários e arrefeceu para os comerciantes.

Segundo a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), há três crimes hediondos e inafiançáveis: o comércio de entorpecentes, a tortura e o terrorismo.

As escrituras das leis são mecanismos que fazem falar. Hoje, existe um projeto tramitando no senado em que se propõe punições ainda mais severas para os varejistas somado a medidas coercivas de tratamento para os usuários. Segundo Alarcon (2012), aquelas leis vigentes e estas em disputa, ambas de caráter proibicionista, têm seu impulso de surgimento pela via da suposição de que drogas produzem, necessariamente, danos. Como se essa fosse a o única via enunciável (impedir os danos, diminuir os danos, anular os danos).

Por esse caminho legislativo vemos mais uma trama de polarização e intensificação de papéis. Os usuários são avançados cada vez mais próximos do doente; os vendedores, por sua vez, quase como que responsáveis pelo adoecimento de outrem (anjos do apocalipse, na novela das propagandas sobre crack), são dirigidos à total vilania.

Foucault (2011), ainda em *A Vontade de Saber* nos alerta de que não devemos nos concentrar em fazer uma divisão binária entre aquilo que se diz e o que não se diz, mas sim que é importante que se determine as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de

discrição é exigida a uns e outros.

As histórias que envolvem drogas às vezes ficam encerradas em uma teia de discursos estritos. O espaço do cardápio de palavras sobre drogas é ocupado de modo absolutista (representado jocosamente pelas figuras transcendentais da Lei e do Diagnóstico). Tendo um efeito de muitas vezes colocar a pessoa que faz uso de drogas em um saber que sempre lhe escapa - funcionando como um fino cale-se.

6 VESTÍGIOS NA ALA FECHADA

6.1 O QUE RESTA. HISTÓRIAS *SOBRE* E HISTÓRIAS *DE*

Este caminho que viemos trilhando, se fôssemos nos ocupar em distribuir autoria para figuras encontramos por aí até agora, dar-nos-íamos conta talvez de que se trata de um percurso de ensaios de histórias sobre pessoas que usam drogas ou história de pessoas que usam drogas (histórias *de* no sentido de “posse”; histórias *sobre* no sentido de “acerca de”, “a respeito de”). Aí, um detalhe importante: há peculiaridades na diferença das histórias que se fala *sobre outrem* e das histórias daqueles que são simultaneamente os protagonistas principais e os narradores; se forma um frágil cristal ético entre aquilo que se pode dizer do outro e pelo outro.

Giorgio Agambem (2008) se utiliza da ideia de testemunho para falar dessa relação entre a possibilidade e a impossibilidade de dizer. Notamos esse tipo de relevo ao longo dessa dissertação. *Os que falam de* e os que *são* se dissolvem em narrativas e referências; trechos de ficção. Contudo, a ideia do testemunho nos faz distinguir neste caminho de pesquisa aqueles que *são*, com os quais aconteceu algo, dos que *falam de* – aqueles que contam a sua experiência de ter presenciado algo acontecer a outrem. Agambem (2008) aponta como um erro a afirmação categórica de que não é possível falar sobre aqueles que passaram pela experiência de não ter mais a voz – como aqueles dos horríveis campos de concentração no período da segunda guerra mundial.

Entendemos que Agambem (2008) problematiza um modo comum de se compreender o que seria “falar pelo outro”. Ocorre que o autor nos mostra que, quando pensamos naqueles que se caracterizam por não poder falar, não narrar esse testemunho pode ser mais uma vez contribuir para que a voz daqueles que viveram o limite do indizível permaneça calada no mundo da inexistência. Não falar desse limite e desse indizível é excluí-lo da história, excluí-lo da experiência e é submeter mais uma vez aqueles que se caracterizam por não existir palavras para poder contar a sua história a uma repetição desta posição; neste caso, não poder falar do outro colocaria a experiência do incontável em um trilho cuja estação começa e termina no esquecimento.

O livro em que Agamben traz essa reflexão sobre o testemunho e a impossibilidade de dizer, chama-se “O que Resta de Auschwitz”. Não nos parece nem um pouco banal dizer que o tempo verbal de “o que resta” é bastante significativo: não é o que que restou, mas sim o que *resta*. Aqueles que se caracterizam por não poder falar: onde está sua palavra? O que ela faz?

6.2 VESTÍGIOS NA ALA FECHADA

Nas andanças dos cursos do Caminhos do Cuidado fizemos amizades. Construimos rede entre diversos trabalhadores, pesquisadores, pensadores do tema das drogas na nossa atualidade. Um trabalhador, pensador e pesquisador que tive a sorte de dividir os espaços de criação pedagógica, chama-se Dênis Petuco.

Com Dênis, entre conversas, falávamos algumas vezes sobre usuários de drogas que fogem ou fugiram de espaços fechados de tratamento. Certo dia, no caminho do bar, conversávamos sobre o trabalho das nossas pesquisas. Dênis disse que havia entrevistado uma pessoa, dali mesmo de Porto Alegre, que tinha sido internada em uma mesma clínica pela qual ele também já havia passado. Meu camarada referia-se a Caho Lopes. Caho escreveu um livro sobre sua experiência; narrou o Ala Fechada. Dênis comentou sobre o livro e acenou que eu poderia aproveitar algumas coisas dali.

Na manhã seguinte a esse papo com Dênis, alguns instantes antes de o sol terminar de aparecer, eu, já acordado e ainda com alguma remela no olho, quis retomar o trabalho da pesquisa - quis dar algum passo. Um passo, nesse caso, atravessado não somente pelas rotas teóricas, mas também por uma questão econômica e comercial. Hoje em dia, por ser bolsista, geralmente quando quero comprar um livro, o compro. Confesso que tenho prazer em gastar dinheiro com livros: às vezes até me sinto ajudando uma espécie de causa maior, como se estivesse doando, nobre, meu dinheiro para uma ONG ou coisa assim.

Enquanto a luz da tela do computador me iluminava na baixa claridade do início da manhã, senti um ímpeto de comprar algum livro que me fora sugerido recentemente – como os que se comentou durante o diálogo da qualificação da pesquisa (que ocorrera no dia anterior). Àquela hora, a ressaca da memória alcançava a Farmácia de Platão, o livro que o

Dênis falou, um outro sobre Brecht (de Bertold Brecht, na verdade, era um poema, - apaguem os rastros, mais especificamente – na hora eu achei que era um livro). Dênis havia dito que se eu fosse procurar o livro do Cahô, encontraria no balaio de um sebo, sendo vendido por cinco reais.

Fiz algumas pesquisas na internet. Realmente, em nenhum site de grande circulação comercial de livros novos encontrei o Ala Fechada. Decidi seguir a pista de Dênis e procurar em um site que faz buscas em sebos virtuais. Lá, encontrei uma lista do nome de sebos que vendia o Ala Fechada, bem como o valor em reais do livro em cada loja. Neste site, basta escolher um item, clicar e depositar o dinheiro em uma conta (tudo on line); depois, é enviado pelo correio. Muito prático. Também podemos clicar em cada um dos itens da lista para ter alguma informação mais detalhada sobre cada livro: se está amarelado, se tem rabiscos, se nunca foi usado, se tem capa dura.

Na Estante Virtual (2014), quando a acessei, a lista dos livros estava disposta por ordem de preço; começando, ao topo, pelos mais baratos. Bem acima da lista, vi um Ala Fechada a venda por R\$ 3, 50 (curiosamente, o sebo se chamava Sebo Nôia). Fiquei um pouco constrangido em pagar tão barato por um livro. O segundo mais barato custa R\$ 4,00. Escolho este. Clico no item que é R\$4,00, e ali abro a informação de que o livro está em bom estado, e que tem 173 páginas. Volto pra lista e passeio os olhos pelos outros preços. Clico em cima do rasteiro R\$ 3, 50. A descrição do mesmo é bem mais interessante: diz que o livro está amarelado e que há uma dedicatória escrita nele. Escolho este.

6.2.1 Ala fechada

Olharam-se todos em silêncio por alguns instantes. Na verdade, não havia muito mais o que falar. Apenas retirar desses momentos difíceis pequenos alentos para seguirem em frente, como o nômade do deserto retira gotas de água dos espinhentos cactos que brotam em seu caminho. (LOPES, 1995, p. 109).

Vamos à história.

No início dos anos 90, Klaus chegou bêbado em casa com seu irmão mais novo. Ambos, alcoolizados, se compadeceram com um gambá que encontrava-se a em uma árvore

acuado por um cachorro.

Klaus, travesso, subiu em cima da árvore. Acontece que, esse mesmo Klaus, mais travesso ainda, havia cheirado cocaína suficiente para causar-lhe uma overdose caso naquele momento fizesse um mínimo de esforço extra com seu corpo. Subir na árvore fez Klaus desmaiar; foi ao chão, quebrou o braço, começou a convulsionar.

O ocorrido foi em frente à casa da família, que veio prontamente acudir quando ouviu os gritos aos prantos do irmão de Klaus.

Essa cena descrita por Cahlo Lopes (1995) no início de *Ala Fechada* funciona como o que comumente se chama de “gota da água” para os pais que já vinham há anos preocupados com o consumo de drogas do filho. Os familiares de Klaus encontraram esperança para seus sofrimentos em um tratamento de dois anos fechado em uma clínica para o filho drogado.

Esse é o início do Livro que Cahlo Lopes ficciona alguns episódios que o acometeram a partir do seu personagem - “Klaus”. Ele narra os acometimentos da vez em que fora forçado a passar uma parte de sua vida preso em um espaço recluso de contatos sociais. Um lugar fechado, com uma arquitetura específica: no pequeno espaço para se tomar sol, ao olhar para cima, notava-se que até mesmo o céu era gradeado. A afirmação de que até o céu era gradeado não é para ser metafórica. Na parte de “fora” havia uma cerca que se estendia como um cobertor de arames do topo dos muros ao teto mais alto da edificação onde encontravam-se os internos. A narrativa de Cahlo Lopes é marcada por casos de agressão, exclusão, violação de direitos humanos - e após a leitura, nos faz lembrar de uma história sobre fuga e amizade.

Os elementos de tortura que “Klaus” e os outros pacientes da “Clínica Jirinovsky” sofreram é um caldo aberto, amargo e incólume no texto. Incólume porque percorre por mim uma paralisia ao tentar remeter-me a esses espaços da narrativa de Cahlo Lopes. E aberto: mesmo sabendo da impossibilidade de deixá-los ilesos a minha presença, apelo, em forma de janela, para citações literais logo mais adiante. Resultados do anseio, talvez paradoxal, em manter esse testemunho inviolado e presente.

O nome da clínica que Cahlo Lopes foi internado chama-se Clínica Jellinek, que na *Ala Fechada* é Clínica Jirinovsky. Ao procurar informações sobre essa clínica na internet, encontrei um singelo anúncio publicitário: “Clínica Jellinek LTDA: Para pacientes muito agressivos, com alterações de comportamento e que fogem constantemente dos hospitais” (ARCA DE NOÉ, 2014).

Dênis Petuco, em 1989, passou uma noite e uma manhã nesta mesma clínica que Cahlo Lopes fala em sua narrativa, e usa algumas reminiscências dessa experiência para escrever o texto *Para não dizer que não falei de drogas* (PETUCO, 2010). De onde extraio aqui a memória sobre um chocolate que ele ganhou em um bingo após o almoço:

Enchi a primeira cartela e levei meu chocolate. Feliz, abri e ofereci para um rapaz que estava sentado ao meu lado. Vi uma expressão de terror em seu rosto: seus olhos oscilavam do chocolate para os estagiários, enquanto dizia apavorado: “Não, não pode! Não pode!”. Seu corpo recuava, como se o chocolate pudesse dar-lhe um choque. Era como se desejasse deixar muito claro que não tinha nada a ver com aquilo, e que o ato transgressor era de minha exclusiva responsabilidade. (PETUCO, 2010, p. 59).

A maior parte das páginas do Ala Fechada moram no capítulo intitulado *inferno*, onde são lembradas quatro tentativas de fugir dos muros da clínica. Tarefas árduas, falhas e de consequências medonhas. Na primeira vez que Klaus arquiteta um plano, é descoberto por causa, vejam só, de um parafuso solto (que ele havia retirado de uma janela). Segue a descrição que Cahlo Lopes fez sobre o infeliz desfecho:

Estivera caminhando sobre a tênue linha que separa a sanidade da loucura. Os limites eram muito imprecisos, dificultando a colocação dos rótulos normais como início, meio e fim. Sofrera muito durante o tempo em que estivera medicado e amarrado. Mesmo quando estava deitado, seus braços eram amarrados na cabeceira e as pernas nos pés da cama. Não tinha a menor possibilidade de movimento, o que se tornava particularmente torturante quando o clima esquentava, os mosquitos picando seu corpo, sem que pudesse fazer nada para evitá-lo.

O próprio medicamento que lhe era ministrado deixava sequelas terríveis. A língua aumentava radicalmente de volume, e as vias respiratórias ficavam fechadas. O remédio era tão forte que tinha de ser auxiliado nos horários das refeições. Os seguranças pegavam-no pelos cabelos, para que a cabeça não caísse me cima do prato de comida. No início, divertiam-se deixando que isto acontecesse, mas depois deixaram-no em paz. Talvez porque tinham de ajudá-lo a se lavar, o que não era agradável, pois frequentemente babava pelos cantos da boca. Foram dias terríveis, talvez os piores que já passara em toda sua vida.

Quando, num gesto desesperado, implorou a Edgar que mandasse suspender o medicamento, não conseguiu ser compreendido. Não lhe era possível articular as palavras, a língua jazia morta dentro da boca. (LOPES, 1995, p. 98)

6.2.2 Ala fechada

Em meio a situações de terror, algo pulsa delicado na história do Ala Fechada. As relações de amizade que o personagem vai traçando cresce nos corredores trama de forma leve e daninha. E é com a amizade que Klaus mantém-se sempre fugindo.

Certo dia, Klaus e mais dois companheiros haviam combinado de jogar cartas à noite, aproveitando a excepcional benevolência dos guardas daquele interlúdio. Para tanto, cada um havia guardado sorrateiramente suas fatias de pão com geleia e manteiga do café da manhã; acrescentaram duas barras de chocolate, economizadas ao longo dos últimos dias, e cortaram tudo em pedacinhos minúsculos, que serviram de aperitivo para serem beliscados durante o jogo.

É pela lenta cumplicidade com um segurança da clínica que Klaus consegue abrir uma saída. (não efetiva no fim das contas)

Um dia ele consegue sair. Antes, contudo, os amigos travam um pacto de honra.

“- Um pacto estabelecendo que o primeiro que conseguir sair tentará fazer alguma coisa para ajudar os outros que aqui ficarem.” (LOPES, 1995, p. 113).

*

Um traço grosseiro que marca esse lugar chamado ala fechada é que, justamente, não há fechamento dentro dela, persiste sim uma exposição aberta e contínua de seus inquilinos.

Havia apenas um pequeno espaço do banheiro onde era possível masturbar-se; e foi ali, fechado na ala fechada, que Klaus lançou uma flecha *para fora de dentro e para dentro de fora*.

Não era permitido o uso de papel e caneta. Os gestores do local temiam que algum segurança se afeiçoasse a algum paciente e, arditosamente, aceitasse entregar uma carta para a incomunicável família. Pois foi o que ocorreu; Klaus fez amizade com um segurança que se incomodava com os métodos utilizados na clínica. Este propiciou a Klaus um papel e uma caneta para que fosse escrita e enviada uma carta para um amigo advogado, que daria prosseguimento às denúncias. Klaus se escondeu no canto do banheiro para escrever. O segurança, seria o mensageiro do *phármakon* proibido.

Essa foi uma flecha de muitas que viriam depois na escrita de Caho Lopes no livro Ala

Fechada.

Mas, naquele momento, a família só ouvia a voz do médico de Klaus, literalmente. E, triste, a carta foi notada por estes como mais um drama de loucura, um sintoma de manipulação drogada; abafaram o caso.

Ainda assim, páginas depois, Klaus encabeça um motim. Ele e os amigos rendem e espancam com raiva um segurança. Quebram o telhado e, finalmente, por um período de tempo, a clínica Jerinovski é esvaziada.

6.2.3 Consideração

Como disse antes, um dos últimos desfechos para a leitura deste Ala Fechada foi tê-lo escolhido por conter o gesto de uma dedicatória. Foi próprio Cahlo Lopes quem a fez, há quase vinte anos. Aqui, ao fim desse texto, ela faz um eco:

*“A Cláudia
com um grande
abraço do novo amigo*

*Cahlo Lopes
03/04/1995 “*

7 A INTERRUPÇÃO

Passeamos pela incitação da vida e a produção massiva de blocos discursivos serializados sobre drogas. Em composição com isso, os dispositivos disciplinares operam tranquilamente por aí afora. Tal como acabamos de sair da narrativa de Caho Lopes, lembrome de uma formação de tutores no interior de Rondônia, quando falou-se, aos cochichos, que em certa região do estado há uma fazenda que cura drogados e homossexuais.

Há toda uma coerência nesse maquinário⁵ sobre o qual temos nos debruçado; algo da ordem do *unísono* (como já dito antes quando falávamos do biopoder). Do excesso, dos clichês, e da falação que viemos apontando em um contínuo, há um silêncio que resta. Maurice Blanchot (2010) nos diz: “A afirmação da verdade unitária onde o discurso não cessará e não cessando mais, confundir-se-á com seu avesso silencioso” (BLANCHOT, 2010, p. 132).

Onde há tagarelice há silêncio. Ocorre que há um instinto de preencher essa fala que a tagarelice não permite expressar, de repatriá-la, de trazer à baila o que não pode ser dito; de “romper o silêncio”, como se diz, liberar essa fala. Foucault (2014) é muito desconfiado desse tipo de operação, ele diz que se pensarmos em uma “liberação”, corremos o risco de nos remeter a ideia de que existe uma natureza ou essência humana que, após um certo número de processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos, e por mecanismos de repressão. Mas não, não pretendemos de todo modo “romper o silêncio”: pois em fato, vimos que isso já é feito a toda hora. Portanto, pelo contrário, pretendemos invocá-lo, fazer uma ode a ele.

*

Há um bordão psicológico muito significativo para refletirmos sobre a interrupção. E duvido muito que alguém que trabalhe com pessoas que usam drogas não o conheça: “cabeça vazia, oficina do diabo”. Frase trivial que, em outras palavras, pode ser lida como: “pensar em nada é mau pensar”.

5

Esse maquinário de que dependemos - como em um avião com turbulência.

Pois Blanchot (2010), no mesmo texto de que foi extraído o fragmento citado no início, fala justamente sobre a interrupção. “Pensemos no diálogo”, diz este autor,

na descrição mais simples de um diálogo, que poderia ser a seguinte: quando dois homens falam juntos, eles não falam juntos, mas cada um por sua vez; um diz algo, depois pára, o outro outra coisa (ou a mesma coisa), depois pára. O discurso coerente que veiculam é composto de sequências que quando elas trocam de parceiro, interrompem-se. (BLANCHOT, 2010, p. 131)

Junto com Blanchot, Roland Barthes também dedica algumas considerações ao silêncio. É comum tomarmos como sinônimos os termos “calar e “silenciar”. Barthes (2007) se utiliza, contudo, das origens do latim dessas palavras para pensar em uma notável diferença. *Tacere* e *silere* são os respectivos representantes de calar e silenciar. *Tacere* se refere a “ausência de fala”, silêncio verbal. *Silere*, por sua vez, refere-se à tranquilidade, à ausência de movimento e de ruído. As derivações poéticas da natureza remetem-se ao *silere* (como a lua no declínio, tornando-se invisível; o ovo que ainda não chocou). Barthes diz que o *tacere*, silêncio de fala, opõe-se ao *silere* - silêncio de natureza ou de divindade.

O silêncio tem várias faces. Mas nos soa familiar pensar em um silêncio ao qual se queira ter direito: o direito de calar-se, o direito de não ouvir – cuja discussão se torna evidente quando pensamos em situações de totalitarismo estatal.

Não ignoramos de modo algum que há vergonhas e medos que o silêncio pode cultivar – como vimos no caso daqueles que chamamos antes aqui de “ininvestíveis”, ou o silêncio a que foi submetido Caho Lopes e que ainda o são milhares de pessoas que buscam o fim de seu sofrimento em lugares como aquele que se falava na oficina de tutores em Ji-paraná. E o silêncio de tudo aquilo que se quer falar e por efeitos de simples grosseria não se pode dizer: definitivamente, há interrupções que bloqueiam a conversa.

Blanchot (2010) diz que Kafka desejava saber em que momento, e quantas vezes, quando 8 pessoas estão sentadas no um círculo de uma conversa, convém tomar a palavras se não se quer passar por muito silencioso.

Ocorre que é a pausa que permite construir a palavra como conversa. O silêncio, que por vezes pode ser desaprovador como pensava Kafka, constitui a parte motora do discurso. Blanchot (2010) diz que quem fala sem parar acaba preso, e lembra dos terríveis monólogos de Hitler, que goza do fato de ser o único a falar, na sua elevada fala solitária.

A ruptura é a respiração do discurso. E propomos pensar no silêncio como o vazio onde a vida vira obra. Pois lembramos do silêncio da música e da poesia; o silêncio que se sucede quando estamos tristes e mexemos com a nossa memória; o silêncio do animal que acompanha a sua presa; o silêncio que preexiste à surpresa anunciada. O silêncio da criança sentada no chão brincando sozinha.

7.1 O POETA

Luzes em direção ao palco. Escuridão na plateia. Carlinhos nunca falou em público. Virou redutor de danos há pouco tempo; como tal, foi convidado para compor uma mesa que debateria a temática das drogas.

(“Nada temos a temer, exceto as palavras”) (Rubem Fonseca)

Alguém estava fazendo a abertura formal do evento. Carlinhos não ouvia nada. Estava camuflado de expectador na plateia. Em algum momento ele seria chamado para subir no palco. Já não lembrava mais o que ia falar.

Quando anunciaram seu nome e seu sobrenome no microfone, levantou-se e subiu as escadinhas com passo tímido (sem pular os degraus, como normalmente faria).

No palco, indo em direção à mesa, viu que havia um copinho de água mineral para cada palestrante. Ali, ele olhava as pessoas todas que tinham vindo para o evento; sentia a vertigem de uma nova perspectiva. Ficou ansioso. Sentou-se.

Então, para encontrar alento, escreveu um poema.

Mas, na exata contramão do alívio, uma conhecida é chamada para compor a mesa junto com ele e os outros palestrantes. Nessa hora, Carlinhos guarda seu poema no bolso da calça enquanto, atônito, olha o andar próximo da delegada que havia efetuado sua prisão, três semanas atrás, por tráfico de entorpecentes.

Sentiu-se exposto, como uma fratura.

Ele começa a suar. Tudo passa a ficar meio rápido demais, e parece que o tempo virou um caminhão violento e sem freios que buzina para ele pedindo passagem em um corredor estreito e de paredes gigantes.

Inevitavelmente, chegou sua vez de falar. O convenceram que ele deveria ler o poema que tinha escrito.

Suador. Pelos bolsos rasgados. Bolso com poeira de palavras moídas; bolso zonzo,

suado que pinga no papel empapado em palavras.

No púlpito, de pé, tirou a poesia do bolso. O poema havia se despedaçado com o seu suor.

8 FINALIZAÇÃO. ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: FOME E NAUFRÁGIO

8.1 PRELÚDIOS DOS FINS

Os fins se confundem com os começos e com as continuações.

Quando se aproxima os últimos dias de uma longa viagem, sentimentos diversos podem vir à tona: a saudade de casa pode apertar ou, o contrário, pode bater certa melancolia quando o viajante, ainda insaciado, sente seu desejo se ampliar pela iminência do apagar das luzes. Os términos põem a vida em seus termos. E com este texto não poderia ser diferente. Ele é o último de uma série de oito.

Hoje em dia o que não falta em nossas valises para viagens são máquinas de fazer fotografias. No retorno das viagens memoráveis, há quem olha todas as fotos, uma a uma, e vê algumas marcas do caminho. Se somos essas pessoas que ficam tirando fotos sempre que estacionam, podemos notar, depois, que a sua sequencia nos mostra fragmentos de um percurso: as paisagens, as estadias, as estações. E as últimas fotos das máquinas costumam confundir-se com as primeiras. Ou não: o caminho pode ter tido influência tal que aquelas primeiras fotos não nos soam mais do que um inocente prelúdio. Mas, de resto, é comum que os últimos lugares tenham sido os primeiros, este é um vício das estações – elas são relativamente iguais.

E um dos primeiros lugares, ou uma das primeiras imagens deste trabalho, certamente, é seu título: fragmentos de um cálice. O silêncio nas drogas, isso veio antes da narrativa. E com a ideia da narrativa pudemos ver, ouvir e escrever coisas que nos alçaram a pensar para além do silêncio, mas que ainda apareciam a flertar com modos de ordenar o inordenável. E fragmento parecia o meio viável para enunciar uma multiplicidade de elementos nas drogas que uma dada racionalidade científica ocultava preenchendo e completando.

E aqui, nesta última paragem, nos soaria uma falta de zelo de nossa parte se não firmássemos uma importante conclusão de nossas reflexões e do nosso percurso de experiência e de estudo. A de que as drogas e como majoritariamente se fala delas hoje se marcam por fortes tons de fascismo. Esta é uma aurora e um ocaso de nosso trabalho.

Fascismo, palavra de origem italiana, referente à “fascio”, que significa feixe; como

um feixe de galhos. Vale a pena lembrar. O fascismo se galga na simplória ideia de que uma haste de madeira sozinha é facilmente quebrantável, quando um feixe de várias hastes simétricas, por sua vez, é forte e resistente. Desse tosco jargão sobre a “força da união”, o fascismo se ocupará em sublinhar que a força de uma coletividade será tão maior tal qual maior for a precisão da simetria das hastes de madeira. Por aí, pela simetria das hastes, que o fascismo propagandeará e forçará a homogeneização de norma, conduta, raça e território. Homogeneização suicida que se afirma na inesgotável exclusão moral, técnica e assassina do que é diferente e desconhecido; homogeneização que faz vidas serem descartáveis.

É na variância das histórias que um “cale-se” procura se efetuar. E, todavia, notamos que a multiplicidade insiste em existir apesar de por vezes a ciência e até a própria língua apagarem seus vestígios.

Mas há viagens que o retorno se faz por vereda diferente; como ir pela água e voltar por terra, ou entrar pela porta e sair pela janela (coisas que, mesmo que tenham um fim semelhante, contêm todo um outro trajeto). E é de modo variado do início que esta dissertação vai ao encontro de seu fim; nós não acabaremos pela via do cale-se. Pois, das franjas daqueles ordenamentos fascistas, vemos emergir certas formas, infames talvez, mas que a seu modo se rebelam. E essa via nos convida a deslocar nossa atenção para ensaiar essas formas enquanto ética e enquanto estética.

Se o fim é um retorno, neste caso é como redescoberta. Nos ares de conclusão do nosso percurso tentaremos falar o que nos parece ser, sob a fenda do silêncio, o esboço de uma artesanaria da queda.

8.2 ARTES DA EXISTÊNCIA

Notamos que as drogas participam de um jogo complexo. Se colocam como estrela em cenas que contêm muitos elementos que são comumente desprezados. E, levando isso em conta, em um dado momento no texto, falamos que, inspirados em Michel Foucault, seguíamos o rastro das histórias infames.

Lembro-me de Caho Lopes e suas tentativas de fuga. De Dona Terezinha, que tomava cachaça todos os dias exceto na quaresma e não tinha síndrome de abstinência; da Fernanda,

que era a enfermeira que atendia Dona Terezinha e que sentia-se negligente; daquele rapaz anônimo que gritou para os governantes que estava com fome. Até da Cristiane F. eu lembro, que nunca deixou de ser notada como drogada e que está viva por aí escrevendo livros. Os negros escravizados que tomavam a trombeta.

Lembro da vontade de Domi de ser um terrorista. E de Carlinhos, que junta os pedaços da poesia amolecida e triturada.

O que dizem esses personagens? Nada. Eles giram em silêncio em uma ciranda poderosa. Peças de um jogo de estranhas hierarquias, ou melhor, de hierarquias situacionais⁶. Procurando homens infames, arrisco dizer que encontrei certos artistas. E que arte é essa? Quais são suas obras?

Arte, essa coisa que às vezes se pensa como um produto, um produto a ser consumido, e que aqui, diferentemente disto, queremos combiná-la com o pensamento e com a experiência. Portanto, esta aproximação de infames e artistas demanda, neste caso, que utilizemos duas imagens de arte que propomos relacionadas entre si. Uma se encontra em uma narrativa sobre certo artista, em um conto de Franz Kafka, e outra está junto de Michel Foucault, que irá nos erigir a estética em termos de existência.

Antes de falarmos sobre a ideia da arte da existência, vamos olhar para “Um Artista da Fome” (KAFKA, 2010), o conto de que falei. Os artistas da fome, mais para o final do século XIX eram célebres nos espetáculos circenses. Sua arte consistia em jejuar; eles ficavam expostos em uma cela que mostrava uma plaqueta onde podia se verificar os dias de abstinência de comida.

Mas os artistas da fome tiveram seus tempos de glória e, como que por natureza, seu declínio. O artista da fome de Kafka era exímio no que fazia. Ele ficava dias e dias sem se alimentar. Pessoas vinham de longe para ver seus surpreendentes números. O artista batia incessantemente o próprio recorde: cada vez mais distante do último dia que tinham colocado um pedaço de casca de pão na sua boca. E nunca deixou de exercer com maestria seu ofício, mesmo enquanto as pessoas gradualmente pararam de se interessar por esse tipo de espetáculo. E elas pararam mesmo; com o passar do tempo, o artista da fome foi esquecido; esqueceram até que existia artista da fome. A sua jaula que estava já em um canto junto com outros equipamentos almoxarifados, parecia vazia. Um dia chegou uma nova pantera no circo,

⁶ Como no milenar jogo de tabuleiro chamado *Go*.

e estavam com problema de onde alocar o animal. Alguém se lembrou de uma jaula que estava guardada e que poderia ser utilizada. Os trabalhadores do circo dirigiram-se ao local dos objetos em desuso e, ao abrir a jaula, notaram que ela estava imunda. Ao remexerem na palha podre do chão, contudo, se depararam com o artista da fome; e nesse momento alguém lembrou dele e, sabendo quem ele era, perguntou: “ Você ainda está em jejum? Quando pretendes parar com isto?”, e nessa hora o artista da fome falou, ele pediu desculpas e disse que o jejum era uma necessidade, não tinha como evitar, “ mas por que você não tem como evitar?” e ele disse: “Porque eu nunca encontrei a comida que me agradasse. Se eu a tivesse encontrado, acredite, não teria feito nenhum alarde e teria comido até me empanturrar, como você e todo mundo”.

Vemos despontar no artista da fome de Kafka uma arte que carrega tal vinco trágico, poético, essencial, bonito e maligno com a vida. Além de Kafka, como disse antes, é a Michel Foucault que recorreremos para que nos empreste mais imagens para delinear, a posteriori, um rosto para estes personagens que retomei acima.

Localizamos, portanto, na obra deste autor, mais para perto do fim de sua vida, os momentos em que dedicará seus estudos às Artes da Existência. E quando avançamos cronologicamente na obra de Foucault, recuamos no tempo da nossa história. Pois Foucault esteve por muitos anos nos trazendo importantes problematizações sobre nosso presente utilizando referências que datam principalmente os séculos XVIII e XIX; após isso, contudo, o autor saltou mais de dois milênios para trás, atravessando toda idade média e a pastoral cristã, para dedicar-se ao estudo das técnicas de si nos gregos do século IV e III antes de Cristo.

Ele nos ambientaliza neste contexto longínquo do qual se preservou inúmeros registros escritos, e que até hoje nos contam coisas que se fazia e que se pensava naquela época. E é por essa vereda que Foucault (2011b) nos apresenta uma dada ética, um modo de viver, que, antes da pastoral cristã, em dadas circunstâncias da Grécia antiga, se colocava a vida na perspectiva de uma obra de arte. Foucault (2011b) nos mostra como os gregos ocupavam-se em pensar a relação de si com as múltiplas forças que compõe a vida (como o amor, a política, os prazeres, a religião); relação essa, cuja reflexão era condição para se alcançar uma vida livre e para não ser escravo de si. Em uma composição da ética com

estética, o objetivo dos gregos era ter uma vida livre que, por conseguinte, fosse uma vida bela.

A beleza, assim como a arte e as técnicas de si, se transmuta no passar das épocas; naquele mundo helênico, uma de suas faces se colocava como a busca de uma grandeza no viver. Desse modo, a vida vai se engendrando como uma obra de arte. E grandeza não é termo menos abstrato e mutante do que a beleza. Sobre a verdadeira grandeza a que estamos nos referindo, Foucault se utiliza de uma citação de Sêneca:

O que há de grande aqui em baixo? Vencer os mares com suas frotas, fincar bandeiras na orla do Mar Vermelho e, quando faltar terra para nossas devastações, errar pelo oceano à procura de plagas desconhecidas? Não: é ter visto todo esse mundo com os olhos do espírito, é ter obtido o mais belo triunfo, o triunfo sobre os vícios. Não saberíamos contar os homens que se tornaram senhores de cidades e de nações inteiras; quão poucos porém o foram de si mesmos! (FOUCAULT, 2011b, p.237).

O autor nos mostra, em especial nos seus três últimos cursos do Collège de France, que o meio para se poder administrar a cidade, a economia e a própria casa é ter poder sobre si próprio. E isso implica em uma relação agonística de si para consigo mesmo. Ou seja, aqui “o homem será livre se ele realizar a si próprio como um campo de batalha”, nos diz Cláudio Ulpiano (2014). Campo que demandará um equipamento, uma “paraskeuê” (como Foucault (2011b) refere em grego), para preparar-se para as intempéries inerentes a estar vivo. “O que há de grande é uma alma firme e serena na adversidade, que aceita todos os acontecimentos como se os desejasse [...] O que há de grande é ver cair aos nossos pés os vestígios da sorte.” (FOUCAULT, 2011b, p. 237). E, nesse contexto, Foucault nos mostra que o que há de maior e mais belo é estar pronto para morrer.

Em contrassenso a esta ideia da vida como uma obra de arte, vemos o naufrágio de histórias.

Cair, naufragar, afundar... A essa altura estamos falando já das histórias que se afundam e daquelas que não se deixam soçobrar no mar da desimportância.

E muito se fala em cair quando se fala em drogas. Cair no mundo das drogas. É algo direcionado para baixo. Chegar ao fundo do poço com as drogas. “Recaída” é um termo extremamente comum no circuito que trata as relações com as drogas não de maneira

agonística, mas que propõe de modo límpido o que é um bom acontecimento e o que é um mau acontecimento.

Não parece a primeira vista, mas “recaída” de fato não é um termo de explicação tão corriqueira. “Recaída” refere-se a um intervalo e a uma população. Se diz que quando uma pessoa que usa drogas e tem por meta parar de usar drogas, o período em que não está alcançando seu objetivo chama-se recaída. É o termo conclusivo e interpretativo de um fato, um estilo de resumir, e, por conseguinte, a recaída é uma designação sem delicadeza quando tentamos nos aproximar de uma estética da existência e do cuidado de si.

Se a estética da existência nos remonta ao incessante jogo com as múltiplas forças da vida, não é um eufemismo qualquer chamar o termo recaída de indelicado a ela. Roland Barthes (2003) nos presenteia com algumas palavras sobre delicadeza. O autor (no seu curso do Collège de France sobre o Neutro) nos diz que, segundo o modelo oriental, a delicadeza obriga à eliminação minuciosa de toda e qualquer repetição: a delicadeza horroriza-se, melindra-se com repisamentos. Barthes nos traz a imagem da delicadeza do aposento do chá no Japão:

nenhuma cor, nenhum desenho deve repetir-se: se houver uma flor viva, estará proibido qualquer quadro de flores; se a chaleira for redonda, o jarro será angular; uma tigela de esmalte preto não deve ficar próxima de uma caixa de chá de laca preta; não usar flores brancas da ameixeira quando ainda há neve no jardim. (BARTHES, 2003, p. 72).

O autor comenta que nem mesmo a simetria do espaço deve repetir-se: “no aposento do chá não se deve pôr nada no centro de nada para não separar o espaço em duas partes iguais.” (BARTHES, 2003, p. 72).

O termo recaída funciona como um tampão para o desconhecido. E é um clichê técnico que comumente faz naufragar histórias de vida por ignorar detalhes.

Lembro-me da recaída de um rapaz em um Caps álcool e drogas. Os profissionais do lugar diziam que ele estava tão bem, até o dia em que sumiu. Quando ele retornou ao Caps, todos lamentaram a sua recaída. Contaram que seus pés estavam à viva carne, terríveis, incrivelmente purulentos; ele havia vendido seus calçados e andado de pés descalços perambulando a cidade inteira (por onde sol não arde do céu, mas do asfalto) com o intuito de

catar restos de lixo que pudesse comercializar para comprar mais crack. Até então ele nunca tinha se detonado tanto. E ele não tinha tido nenhuma recaída desde que o filho nasceria; e também nunca tinha tido necessidade catar lixo.

Castro (2009) nos diz, falando de Foucault, que podemos compreender uma noção de estética da existência como uma das maneiras pelas quais o indivíduo se encontra vinculado a um conjunto de valores. Recaída é uma maneira singular de se vincular o passado a um conjunto de valores precários (naufragados); precários pois ao contrário do aposento do chá, a recaída procura a repetição, estabilizando com estereótipos o caos dos acontecimentos singulares. Deste modo funciona praticamente como um embuste técnico que produz realidades repetidas.

8.3 UM ARTISTA DA QUEDA

Olhemos para um equilibrista. Para vê-lo, temos que mirar o céu de Nova York de algumas décadas atrás, mais especificamente onde encontrava-se o que se conheceu como World Trade Center. Em 1978, Philippe Petit (2008), realizou seu maior sonho, que era colocar uma corda entre as torres gêmeas e atravessá-la com passos.

Atividade absolutamente ilícita. Muitos perigos e anos de planejamento. A equipe, que também é um grupo de amigos, passa duas noites para chegar secretamente até o topo dos dois prédios a fim de cumprir a complexa e sorrateira missão de suspender o cabo entre os dois prédios. É todo um esquema.

Mesmo se tratando de um exímio malabarista, a situação oferece riscos. O vento, por exemplo, estamos falando do vento de uma altura de 542 metros; um objeto em queda livre demora dez segundos para chegar ao chão dessa distância.

As pessoas abaixo miram o pequeno ponto preto que se desloca calmamente entre as nuvens no cume das gigantescas construções.

Um espanto quando algo desce repentinamente – suspense – é apenas sua camiseta, que é reconhecida com alívio quando começa a dançar no ar, caindo diferente.

A polícia é chamada ao local; sobe ao topo do prédio para onde o equilibrista se direcionava no ar. E, espertamente, ficam ao fim da travessia de algemas em punho, esperando a presa em tocaia onde ela infalivelmente irá passar. Quando o equilibrista encontra-se a dois passos dos braços afoitos dos policiais, ele faz seu giro; como em um movimento de balé e com a leveza de um gafanhoto, com apenas a ponta de um pé em cima do risco que o separa do abismo, ele vira-se de costas para os policiais, que já não têm mais o que fazer senão apreciar o espetáculo – pois ele está apenas começando.

Esse equilibrista, contudo, não declina. E não há nenhuma possibilidade de recaída, se ele cair, será apenas uma vez.

Há uma linda passagem do livro de Friederich Nietzsche (2011), “Assim falou zaratustra”, em que o profeta Zaratustra encontra-se com uma multidão que se reúne no entorno de um equilibrista. Este equilibrista, enganado por um palhaço, vem a tombar fatalmente, e, por acaso, cai ao lado de Zaratustra, com o qual trava seu breve e último diálogo.

Antes dessa passagem, o profeta falava que ama aqueles que declinam, dizia também sobre uma corda e sobre um abismo. Ele falou para multidão que assistia a apresentação que “Grande no homem é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio” (NIETZSCHE, 2011, p. 16). Nietzsche faz aqui uma bela ode ao declínio.

Então, o equilibrista, ao chão, se entristece com sua tragédia, e diz que nada perde ao perder a vida: “não sou mais que um animal a que ensinaram a dançar com golpes de bastão e pequenos nacos de comida”, diz.

“De maneira nenhuma” – responde Zaratustra- “fizeste do perigo o teu ofício, não há o que desprezar nisso. Agora pereces do teu ofício: por causa disso eu te sepultarei com minhas próprias mãos” (NIETZSCHE, 2011, p. 20).

*

Aquelas figuras protagonizantes que trouxe no início deste texto, agora talvez possamos vê-las em um cenário. É em um trapézio, elas caminham numa corda. O fio em que

equilibram-se é o *phármakon* - essa coisa que se domina mal os efeitos. Fio que todos andamos quando nos apaixonamos, por exemplo. Mas aí, a plateia já é outra; neste caso, a plateia são as políticas públicas. Algumas partes dessa plateia jogam literalmente objetos nos equilibristas. A audiência e os equilibristas vivem na mesma terra.

Estes artistas, estes feiticeiros, alguns deles utilizam-se de uma rarefeita vareta para manter seu gingado, e esta é a narrativa - no momento em que os passos são suspirados em histórias. A plateia certamente é decisiva na concentração de quem está ali, na altura. Altura que varia pelo abismo que cada um habita. Em que o fundo às vezes não tem fundo, ou que há uma rede, ou há um deserto, ou ocorre um amortecimento por corpos, ou ossos quebrados, ou o naufrágio derradeiro.

8.4 FIM, UMA ÚLTIMA METÁFORA

Falávamos sobre começar e terminar, viagens, trajetos e equilíbrios. Após a ideia de artistas da queda, finalizaremos com uma última metáfora.

Foucault (2011b) nos diz que a metáfora da navegação surge de modo significativo nas referências neoplatônicas acerca do cuidado de si. Da arte da pilotagem, ele destaca quatro significações importantes para a prática reflexiva da liberdade e que também, e não por acaso, são preeminentes na nossa finalização.

Dois signos da navegação que são comumente destacados nestes estudos são as presenças de um trajeto e de um objetivo, objetivo que Foucault demarca na sua reflexão como “chegar a si próprio”. A navegação, portanto, como um trajeto com um objetivo.

Nesta dissertação de mestrado: trajeto que é viver, objetivo que é escrever.

Há mais dois pontos aqui culminantes que Foucault destaca na metáfora da navegação: um é que a trajetória em direção a si terá algo sempre de odisséico, esse é o terceiro ponto. E neste trabalho, que carrega aquele trajeto e aquele objetivo, leva o meu exercício e testemunho em mostrar também quão odisséico de fato foi, pois não há aventura de modificação de si que não seja também como uma odisséia, mesmo que o fim seja o oposto do sucesso. E lembramos Foucault (2012c) falando da importância do descaminho na obstinação do saber.

Mas é o último ponto que Foucault (2012c) destaca da metáfora da navegação em

relação ao cuidado de si que considero como o mais importante. A trajetória é perigosa, esse é o quarto ponto. Eis o phármakon.

Por fim então, o perigo. Por esse caminho que percorremos, a queda, incansável e hospitaleira, não permitiu que sentíssemos a sua ausência. Ainda não paramos de tatear e de titubear. É o infinito do phármakon.

Fim.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da biblioteca jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Adorno, W. T. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auwschvitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALARCON, Sérgio. A Síndrome de Elêusis: considerações sobre as políticas públicas no campo de atenção ao usuário de álcool e outras drogas. In: ALARCON, Sérgio; JORGE, Marco Aurélio Soares. **Álcool e Outras Drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

AMARAL, Pinto. **Hino à beleza**. Disponível em: <<http://www.estudioraposa.com/index.php/17/10/2013/charles-baudelaire-hino-a-beleza-sem-musica/>>. Acesso em: 16 out. 2014.

ARCA de Noé. Hospitais psiquiátricos. Disponível em: <<http://www.arcadenoe.org.br/drogas/hospitais.htm>>. Acesso em: agosto de 2014.

AZEVEDO, Ana Luiza. **Antes que o mundo acabe**. [Filme-DVD]. Direção Ana Luiza Azevedo. Casa de Cinema Porto Alegre, 2010. 1DVD (100min), son., color.

BAPTISTA, Luis Antonio. Walter Benjamin e os anjos de copacabana. In: **Revista Educação Especial**. Biblioteca do Professor n. 7, 2008.

_____. Politizar. In: FONSECA, T.M.G.; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARTHES, Roland. **O Neutro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

_____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Marins Claret, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. São Paulo: Brasiliense, 2012a. (Obras escolhidas, Volume 1).

_____. **Experiência e pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2012b. (Obras escolhidas, Volume 1).

BORGES, Jorge Luis. **O aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita I**: a palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A conversa infinita II**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

_____. **A conversa infinita III**: a ausência de livro. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins fontes, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>. Acesso em: 14 fev. 2015.

_____. Lei nº. 6368, de 21 de outubro de 1976. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6368.htm>. Acesso em 14 fev. 2015.

_____, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SV/CN – DST AIDS. A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRECHT, Bertold. **Poemas**: 1913 - 1956. São Paulo: Editora 34, 2000.

CAMPANHA Crack Nem Pensar. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=L2Oys9eH8I>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COMISSÃO de Cidadania e Direitos Humanos do RS. Assembleia Legislativa. Subcomissão contra o crack – relatório final. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. **Comissão de Cidadania e Direitos Humanos**. Set. 2011. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/download/SubDependentes_Crack/RF_dependentes_crack.pdf>. Acesso em: 14 out. 2014.

COSTA, Nathalia Santos da; MACHADO, Dalva Maria Salgado. Neurobiologia e neuropsicologia na esquizofrenia e no uso de cocaína. In: **Revista Médica de Minas Gerais**. v. 22, n. 2. 2002.

COUTO, Mia. **A Confissão da Leoa**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DICIONÁRIO Online de Português. Catar. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/catar/>>. Acesso em novembro de 2014.

ETIMOLOGIAS del Chile. **Etimología de Catar**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?catar>>. Acesso em : 04 nov. 2014.

ESTANTE VIRTUAL. Pesquisa. Disponível em < <http://www.estantevirtual.com.br/busca?q=ala+fechada>>. Acesso em: agosto de 2014.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2011.

_____. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2012c.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e Escritos, V).

_____. A vida dos homens infames. In: **Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012d. (Ditos e Escritos, IV).

_____. Diálogo sobre o poder. In: **Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. (Ditos e Escritos, IV)

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

_____. Poder e Saber In: **Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Ditos e Escritos, IV).

GUIMARÃES, Delfin. **Hino à beleza**. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Hino_%C3%A0_Beleza>. Acesso em: 15 out. 2014.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: **Educação e Realidade**, v. 28, jul/dez. 2003.

_____. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Educação e Realidade**, v 29, jan/jun. 2004.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. In: **Princípios Revista de Filosofia**, v. 20, n. 33, jan/jun. 2013.

- LOPES, Caho. **Ala fechada**. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- MARSH, James. **O equilibrista**. [Filme-DVD] Direção James Marsh, 2008. DVD (1h 30min), son, color.
- MONTAIGNE, Michel de. **Sobre a amizade**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: companhia das letras, 2011.
- NOTÍCIAS news: banco de dados da produção científica brasileira sobre o uso de drogas psicotrópicas. Em: **Revista de Saúde Pública**, v. 21 n.2. São Paulo. abr. 1987
- OBSERVATÓRIO Brasileiro de Informações Sobre Drogas. **Cartilha Crack, é possível vencer**. Disponível em:
<<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/cartilhas/329302.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- ORIGEM da palavra. Pesquisa. Disponível em:
<<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/catar/>>. Acesso em: 03 nov. 2014.
- PETUCO, Dênis. **Entre Imagens e Palavras: O discurso de uma campanha de prevenção ao crack**. 2011. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Humanidades, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.
- _____. **Os discursos com estatuto de verdade e o dispositivo**. In: PASINI, Elisiane. (Org.). Educando para a diversidade. 1ed.Porto Alegre: nuances, 2007, v. , p. 35-40.
- _____. **Para não dizer que não falei de drogas**. Em: SANTOS, Loiva Maria de Boni. Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas. Porto Alegre: Ideograf, 2010.
- PLATÃO. **Fedro**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- REDE MULTICÊNTRICA. **Causos e histórias da redução de danos em Porto Alegre**: arquivos Rede Multicêntrica. Porto Alegre, 2013.
- RODRÍGUEZ, Miguel Ibáñez. **Las palabras de la vid y el vino**. [S.I.], 31 de maio de 2010. Disponível em: <<http://blogs.larioja.com/palabras/2010/05/31/catar/>>. Acesso em: 01 nov. 2014.
- SCIELO. Disponível em: < <http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=drogas>

&index=ab&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar >. Acesso em: 14 jan. 2015.

SEPAZ. Secretaria de la paz. **Misión y visión**. Disponível em: <<http://sepaz.gob.gt/index.php/2014-05-26-15-09-53/mision-y-vision>>. Acesso em: 14 out. 2014.

SOUZA, Tadeu de Paula. **Redução de Danos: a clínica e a política em movimento**. 2007. 116f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

TOROSSIAN, Sandra Djambolackdjian; PAPINI, Pedro Augusto. As drogas e suas políticas: usos, excessos e reduções. In: CRUZ, Lilian Rodrigues da; RODRIGUES, Luciana; GUARESCHI, Neuza M. F. **Interlocuções entre a psicologia e a política nacional de assistência social**. Santa Cruz do Sul: Udunisc, 2013.

ULPIANO, Cláudio. **Liberdade e pensamento em Espinosa**. 1988. Disponível em: <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?page_id=567>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Rede de leituras

BANCO de dados da produção científica brasileira sobre uso de drogas psicotrópicas. **Rev. Saúde Pública** [online]. 1987, vol.21, n.2, pp. 161-161. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101987000200008>>.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BAPTISTA, Luis Antônio. **O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

BERNHARD, Thomas. **O naufrago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BRASIL, Caroline Schneider. **A perspectiva da redução de danos com usuários de drogas: um olhar sobre os modos éticos de existência**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. 2003.

CALVINO, Ítalo. **6 propostas para o novo milênio**. Porto Alegre: Companhia das Letras, 2012.

_____. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CARNEIRO, Henrique. **Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna.** São Paulo: Editora Senac, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Distância, aspecto, origem. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (Ditos e Escritos, III).

_____. O pensamento do exterior. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (Ditos e Escritos, III).

GEOPOLÍTICA Das Drogas. **Textos acadêmicos.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCÓSSIA, Liliane; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método cartográfico.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

LABATE, Beatriz Caiuby et al. **Drogas e Cultura: novas perspectivas.** Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HURTADO, Jorge G.; SILVA, Sdenka. **Museo da Coca: guia em português.** La paz, 2013.

PINHEIRO, Diego Arthur Lima. **Contribuições do pensamento blanchotiano aos estudos da subjetividade: como criar regiões de silêncio e solidão.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012

PROUST, Marcel. **A fugitiva.** São Paulo: Globo, 2012.

_____. **A Prisioneira.** São Paulo: Globo, 2011.

_____. **À sombra das raparigas em flor.** São Paulo: Globo, 2006.

_____. **O caminho de guermantes.** São Paulo: Globo, 2007.

_____. **O tempo redescoberto.** São Paulo: Globo, 2013.

_____. **Sodoma e gomorra.** São Paulo: Globo, 2008.

